

No 9

N.º 399

BREVES CONSIDERAÇÕES

Á CERCA DA EDUCAÇÃO

PHYSICA E MORAL DAS CRIANÇAS

DURANTE A PRIMEIRA INFANCIA

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

PARA

ACTO GRANDE

DEFENDIDA

NA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

SOB A PRESIDENCIA

DO EX.^{mo} SNR.

ANTONIO DE OLIVEIRA MONTEIRO

POR

JOSÉ PIRES DA COSTA CAMEIRA



PORTO

Typographia Lusitana

49, RUA DE BELLOMONTE, 49

1877

20/9 ENC

Para o dia 18 de julho de 1877, pre-
las 11 horas da manhã.

Presidente - O Ex.^{mo} Sr. Antonio
d'Oliveira Monteiro.

Ex.^{mos} Srs.

Arg.^{te} { Dr. Jose' Thuct. Aguiar del. Asorio
Dr. Jose' Carlos Lopes.
Antonio Joaz. de Moraes
baldas.
Manoel de Jesus Brito
Lopes.

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

O Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Conselheiro, Manuel Maria da Costa Leite

SECRETARIO

O Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Antonio d'Azevedo Maia

CORPO CATHEDRATICO

LENTES PROPRIETARIOS

OS ILL.^{mos} E EX.^{mos} SNRS.

- | | |
|---|--|
| 1. ^a Cadeira — Anatomia descriptiva e geral. | João Pereira Dias Lebre. |
| 2. ^a Cadeira — Physiologia | Dr. José Carlos Lopes Junior. |
| 3. ^a Cadeira — Historia natural dos medicamentos. Materia medica. | João Xavier de Oliveira Barros. |
| 4. ^a Cadeira — Pathologia externa e therapeuticamente | Antonio Joaquim de Moraes Caldas. |
| 5. ^a Cadeira — Medicina operatoria. | Pedro Augusto Dias. |
| 6. ^a Cadeira — Partos, molestias das mulheres de parto e dos recém-nascidos | Dr. Agostinho Antonio do Souto. |
| 7. Cadeira — Pathologia interna.—Therapeutica interna e historia medica | Antonio d'Oliveira Monteiro, presidente. |
| 8. ^a Cadeira — Clinica medica | Manuel Rodrigues da Silva Pinto. |
| 9. ^a Cadeira — Clinica cirurgica | Eduardo Pereira Pimenta. |
| 10. ^a Cadeira — Anatomia pathologica. | Manoel de Jesus Antunes Lemos. |
| 11. ^a Cadeira — Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia geral. | Dr. José F. Ayres de Gouveia Osorio. |
| 12. ^a Cadeira — Pathologia geral | Ilidio Ayres Pereira do Valle. |
| Pharmacia. | Felix da Fonseca Moura. |

LENTES JUBILADOS

- | | |
|----------------------------|--|
| Secção medica | { Dr. José Pereira Reis. |
| | { Dr. Francisco Velloso da Cruz. |
| | { Visconde de Macedo Pinto. |
| Secção cirurgica | { Antonio Bernardino d'Almeida. |
| | { Luiz Pereira da Fonseca. |
| | { Conselheiro, Manuel M. da Costa Leite. |

LENTES SUBSTITUTOS

- | | |
|----------------------------|---------------------------------------|
| Secção medica | { Vago. |
| | { Antonio de Azevedo Maia. |
| Secção cirurgica | { Augusto Henrique d'Almeida Brandão. |
| | { Vago. |

LENTE DEMONSTRADOR

- | | |
|----------------------------|-------|
| Secção cirurgica | Vago. |
|----------------------------|-------|

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na Dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Escola de 23 d'Abril de 1840, artigo 155).



À NUNCA ESQUECIDA MEMORIA

DE MEU QUERIDO PAE

MANOEL DA COSTA CAMEIRA

SAUDADE INFINDA !

*Oh pranto, oh magua, oh dôr acerba, e triste
Que em nós ha de existir eternamente
No mesmo ponto, em que ella agora existe!*

(FRANCISCO DIAS GOMES, ELEGIA 7.^a PAG. 88).

A MINHA QUERIDA MÃE

ROSALIA PIRES SOARES

Como prova de gratidão e amor filial

Minha querida Mãe :

N'uma mesma pagina d'este meu ultimo trabalho escolar, fructo dos seus generosos e abnegados sacrificios, ambicionava eu escrever o seu nome e o d'um ente que nos era tão caro e que já não existe: era meu Pae! A Omnipotencia Divina, rectissima nas Suas omniscientes determinações substituiu-nos a alegria d'este dia por lagrimas copiosas, filhas legitimas d'uma dôr pungentissima! Aproveitemo-las: vamos regar com ellas a campã d'aquelle que me deu a existencia para depois orarmos por elle!

Seu filho extremoso

José.

A MINHA MULHER

Margarida Enecilia Pinto Cameira

E A MEU FILHO MÁRIO

Em attenção ao amor que vos dedico tambem vos pertence um quinhão d'esta pagina.

Vosso Marido e Pae

José.

A SEU SOGRO E AMIGO

O ILL.^{mo} SNR.

MIGUEL ANTONIO PINTO

Como prova de muita gratidão e amizade

A SEUS CUNHADOS, CUNHADA, TIO E PADRINHO

Antonio Gonçalves Vallada
D. Maria Hedwiges Pinto Vallada
João Antonio Pinto
Egídio Ferreira Pinto
José Antonio da Costa Vianna

E

Manoel Vicente Monteiro

VIGARIO DAS ENGUIAS

em signal

de boa convivencia e amizade nunca interrompida

AOS SEUS AMIGOS

OS ILL.^{mos} E REV.^{mos} SNRS.

Joaquim Lopes Mendes
Manoel Martins Fortuna
José Xaxier Pinto da Silveira

E AOS SEUS PARENTES

O bacharel Joaquim Ferreira de Pina Callado
e o estudante Manoel José F. M. Soares

em signal de amizade

off.

O AUCTOR.

AO SEU PRESIDENTE

O ILL.^{mo} E EX.^{mo} SNR.

Antonio d'Oliveira Monteiro

COMO PROVA DE SYMPATHIA, RESPEITO
E RECONHECIMENTO

off.

José Aires da Costa Carneiro.

AO III.^{mo} E XX.^{mo} SRR.

MANOEL RODRIGUES DA SILVA PINTO

Lente de Clinica Medica na Eschola Medico-Cirurgica do Porto

como prova de gratidão sempre vigilante
pelos altos beneficios
que particularmente d'elle recebeu
no anno de 1875

off.

O SEU DISCIPULO E AMIGO

José Pires da Costa Carneira.

Ao seu particular amigo e condiscipulo

Luiz Antonio de V. Corte-Real

COMO PROVA DE VELHA E SÓLIDA
AMISADE

off. o seu

JOSÉ.

EM VEZ DE PROLOGO

Obrigados a escrevemos e defendermos, como ultima prova escolar, uma dissertação inaugural para podermos legalmente exercer a medicina no nosso Portugal e seus dominios, confessamos que nos vimos bastante embaraçados na escolha do ponto sobre que devíamos dissertar. Depois d'algum tempo de reflexão, escolhemos como these — *Breves considerações ácerca da educação physica e moral das creanças.* — Dois motivos, a nosso vêr, bastante ponderosos, nos decidiram a procedermos d'este modo. Por um lado, estamos convictos de que a hygiene e nomeadamente a que se refere ás creanças tem a existencia ligada ao seu espargimento por todas as classes sociaes, o que já não succede á medicina que deve sempre estar fechada no seu templo e ser do dominio exclusivo dos seus sacerdotes; e por outro lado, julgavamos o nosso despretencioso escripto completa-

mente inutil, se elle versasse sobre qualquer ponto medico ou cirurgico, por isso que a sua leitura não dava novidade aos medicos e ministrava repugnancia e repulção aos individuos das restantes classes sociaes. A primeira razão justifica a nossa escolha, o a segunda expõe o motivo por que deixamos de lado um qualquer ponto da pathologia ou physiologia. A nossa decisão parece-nos, pois, acertada; se conseguimos ou não levar rasoa-velmente a cabo a tarefa que a lei nos impôz, o illustradissimo jury que a hade apreciar, o dirá. Postas estas considerações, vamos expôr o plano que seguimos na elaboração d'este trabalho. Dividimos a nossa dissertação em dois capitulos; o primeiro trata da educação physica, e o segundo da educação moral das creanças. Abrimos o primeiro com uma breve exposição dos cuidados que a mãe deve ter para com o filho durante o periodo da gravidez, por isso que estamos persuadidos de que a educação physica do ser humano deve começar desde o momento em que a mulher adquire a certeza de que está fecundada; e subdividimos depois o resto d'esta primeira parte em tantos paragraphos quantos julgamos convenientes e adequados á indole d'um exercicio escolar, como este verdadeiramente é. Fomos breves e muito breves no segundo capitulo pelo facto de pouco termos que dizer, com respeito á educação moral das creanças, desde o nascimento até ao periodo em que as consideramos, isto é, até á segunda infancia. Proseguir n'este sentido seria, certamente, ultrapassar os limites que a nós assignamos. Esforçamos-nos por ser methodicos e claros; se foram baldados os nossos desejos, a culpa não é nossa — *nemo dat quod non habet*.

CAPITULO PRIMEIRO

Educação phisica das creanças

S'il est une influence dont la vie de l'homme se ressent profondément, c'est celle de l'éducation qu'il reçoit dans sa première enfance; c'est là en effet que se retrouve le germe de bien des affections morbides dont il sera victime tout sa vie, et dont les funestes effets pourront se prolonger jusque dans les générations qui lui succéderont;... (Gyonx, Education de l'Enfant, I).

§ I

A mulher que concebeu tem a sua existencia ligada por um laço indissolúvel á do ser que existe em seu utero. O feto deve ser o alvo para onde devem convergir todas as suas atensões pelo que diz respeito ao seu modo de viver, bem como é elle já o ponto de reparo para onde estão dirigidos o seu pensamento e coração. A mulher grávida tem, pois, obrigação restricta de praticar uma hygiene particular que deve conhecer já para

seu proprio interesse, já para utilidade de seu filho e da sociedade. Esta verdade já era conhecida em antigas epochas, porquanto nos diz a historia d'esses tempos que os magistrados romanos faziam amplo caminho ás mulheres grávidas que passavam por deante d'elles e é por todos sabido que a religião de Moysés as dispensava do jejum e da abstinencia, o que a religião christã sabiamente imita. Tal é o respeito que sempre tem merecido um similhante estado da mulher! É necessario, pois, que á veneração que todos lhe tributam ella corresponda com a prática dos utilissimos preceitos que a hygiene lhe ministra e ensina. Passemos sobre as mais essenciaes d'estes uma rapida vista d'olhos, compativel com a feição d'um trabalho da natureza do nosso.

§ II

Os vestidos são, não poucas vezes, a causa determinante das disformidades organicas, de que muitas vezes os recém-nascidos são portadores. A mulher habituada a vestir-se, não segundo as regras d'uma boa hygiene, mas segundo os preceitos da moda caprichosa, e, fazendo por occultar á sociedade um estado que a honra e que muitas outras lhe invejam, comprime o ventre com os vestidos e ás vezes com ligaduras, difficultando por esta fórma os seus movimentos o os de seu filho, o que dá origem a gravissimas e, ás vezes, a fataes consequencias para ambos. Conta Ambroise Paré, para citarmos um exemplo dos muitos que os livros apontam, que viu

uma creança recém-nascida com as mãos e pés disformes por terem sido exageradamente comprimidos no ventre de sua mãe. Os órgãos da mulher grávida, e nomeadamente os thoracicos e abdominaes devem, pois, ter a maxima liberdade que, para existir, exige uma proscricção formal e completa dos colletes e demais vestidos apertados, pois que, dificultando a respiração, comprimem os órgãos abdominaes e oppoem-se portanto ao seu desenvolvimento e ao do proprio feto. D'aqui mui naturalmente se infere que todos os vestidos de que a mulher fizer uso durante o periodo da gestação, deverão ser amplos para se não oppôrem á execução dos movimentos e deverão, além d'isso, preencher a dupla condição de serem quentes e leves. Devem ser quentes para conservar á pelle a sua temperatura normal, favorecendo por este modo a transpiração insensivel, e devem ser leves para não fatigarem com seu pezo a mulher que deve evitar qualquer desperdicio de suas forças, cuja precisão ella reconhecerá na occasião do parto.

§ III

O regimen alimentar que as mulheres grávidas devem seguir, é um dos pontos que, pela sua subida e real importancia, muito deve prender a nossa attenção. A alimentação da mulher grávida deve ser feita com a maxima cautela e escrupulo no principio da prenhez; porque, se algumas mulheres se alimentam brutalmente, como se observa nas nossas jornaleiras provincianas, a

quem rariſſimas vezes ſobrevem acontecimento algum perigoso ou fatal, é fóra de duvida que uma má ou caprichosa alimentação pódo ser a causa de gravissimas consequencias. A mulher grávida, tendo de reparar as perdas do seu organismo e ministrar ao fructo do seu ventre os materiaes necessarios para o seu incessante e continuo desenvolvimento, precisa, em geral, d'alimentos mais copiosos que no estado normal; porém, para que estes tenham uma verdadeira utilidade, é preciso que haja uma exaggeração real no appetite, o que differe muito d'aquelle ficticio appetite, filho da imaginação e do prejuizo, o qual faz com que muitas mulheres inexperientes carreguem demasiadamente o estomago. D'aqui resultam perturbações digestivas mais ou menos intensas e duradouras que se oppoem ao regular desenvolvimento do feto, ou desarranjos circulatorios que podem comprometter a gravidez, quando, por excepção, este excesso d'alimentação é tolerado, digerido o absorvido. A outras mulheres succede exactamente o inverso; isto é, embora tenham de satisfazer as necessidades precedentemente apontadas, sentem uma viva repugnancia para qualquer genero d'alimentação. Aparecem-lhes as nauseas e os vomitos ao lembrarem-se das refeições, e limitam-se simplesmente á ingestão d'uma pequena quantidade de substancias alimentares, bem pouco compativel com as exigencias dos dois organismos que tem de ser alimentados. A umas e outras dá a boa hygiene, e a sã razão approva os seguintes conselhos: as primeiras devem ingerir uma quantidade de substancias alimentares proporcional ao acrescimo real do appetite, attendendo sobre tudo a uma sobriedade relativa; e as segun-

das devem dirigir-se a um medico que é a unica pessoa que lhes pôde convenientemente applicar agentes que lhes debellem a repugnancia e excitam o appetite.

Nos ultimos tempos da gravidez, a quantidade d'alimentos, de que as mulheres devem fazer uso, será regulada pela possibilidade ou impossibilidade de fazerem exercicio: assim, se uma mulher apresenta os membros inferiores em perfeito estado normal e se pôde dar passeios frequentes e um pouco extensos, sem que d'esta prática lhe resulte fadiga ou incommodo, não contra-indicamos, antes, pelo contrario, somos d'opinião que uma alimentação um pouco mais copiosa que a normal deve ser de summo proveito. Quando, porém, os membros inferiores se apresentam intensamente tumefactos e forem a séde de varizes mais ou menos numerosas e consideraveis, que condemnem a mulher a uma immobildade quasi completa, pelo que diz respeito á marcha, somos então de parecer que um pequeno excesso d'alimentação deve ser prejudicial por causa das perturbações digestivas que frequentemente o seguirão.

Um outro lado, não menos importante, da questão que nos occupa, diz respeito á *qualidade* das substancias alimentares de que a mulher grávida deve usar. Com respeito a este ponto, deve a mulher ter na maxima consideração os seus habitos alimentares anteriores ao periodo da prenhez; todavia, este conhecimento não a dispensa, de modo algum, de se dirigir a um medico illustrado, a quem ella interrogará a este respeito e de quem ouvirá attentamente as suas recommendações; porquanto, segundo elle reconhecer riqueza ou pobreza do sangue com relação aos seus elementos mais importantes, assim será muito diversa a

resposta á consulta. Sendo certo, segundo a opinião de Cazeaux e outros tocologistas, que nas mulheres grávidas a anemia é a regra, comtudo o medico consultado deve proceder a um exame rigoroso, porque em casos d'esta ordem nem sempre é muito facil distinguir a anemia da plethora, dois estados perfeitamente oppostos, os quaes, *ipso facto*, exigem regimens inversos. As mulheres grávidas devem, pois, em regra, segundo a opinião do precitado medico francez, fazer uso d'alimentos substanciaes e proscreever-se-ha o uso brutal das sangrias, de que outr'ora tanto se abusava, e de que inda hoje estupidamente se servem sempre os charlatães — os barbeiros das aldeias — verdadeiros flagellos da humanidade.

• O que é certo e que notamos com certa insistencia, é que as mulheres grávidas devem introduzir no seu estomago alimentos sãos, devendo preferir, como já dissemos, aquelles de que ordinariamente faziam uso antes do periodo da gestação, a não ser que haja verdadeira repugnancia para elles ou contra-indicação formal do medico. É preciso, porque é util, que as mulheres grávidas se convençam de que o dito vulgar — *comer de tudo o que appetecer, porque nada faz mal* — é um prejuizo, uma ignorancia, pois que uma mulher grávida não póde comer, sem ser castigada da sua louca temeridade, cousas indigestas e extravagantes, suggeridas por um appetite disparatado.

O vinho, sendo de boa qualidade e bebido em pequena porção, quer puro quer traçado com agua, é um bom alimento que não apresenta inconvenientes e que deve fazer parte da alimentação das mulheres, cujo sangue apresenta signaes de empobrecimento. É desneces-

sario, porém, prescrevel-o ás mulheres que não estão habituadas a bebel-o e cuja gravidez segue uma marcha regular; porque, como já dissemos por mais que uma vez, os habitos alimentares devem ser tidos em muita conta. De modo totalmente differente devem as mulheres gravidas proceder a respeito do uso dos licôres espirituosos, por isso que, por mais assucarados e suaves que sejam, excitam a circulação, em que já existe um acrescimo d'estimulo devido á prenhez; todavia, se vomitos incoerciveis se manifestarem, a prática aconselha a sua administração em pequenas dóses, como verdadeiro medicamento debellador d'este accidente tão prejudicial para a mãe e para o filho.

Quantas refeições deve tomar diariamente a mulher grávida? O mais conveniente e racional é seguir o seu regimen habitual, a não ser que legitimas exigencias do estomago a forcem a afastar-se d'esta regra; comtudo, nos ultimos tempos da gravidez, epocha em que as funcções digestivas estão mechanicamente perturbadas pela diminuição do espaço que normalmente occupam o estomago e os intestinos, é prudente e util multiplicar as refeições, ingerindo, por conseguinte, a mulher em cada refeição uma menor quantidade d'alimentos que do costume. A ultima refeição do dia — a ceia — deve ser bastante parca para que possa ser evitada alguma indisposição estomachal, que póde sobrevir durante a noite, devendo além d'isso a mulher grávida evitar com todo o cuidado o deitar-se immediatamente depois de ter ceiado.

§ IV

Os hygienistas são, com verdadeiro fundamento, de opinião que a mulher grávida deve sempre fazer um exercício moderado, que sómente deve ser abandonado, quando a fadiga a isso a obrigar. Na verdade, o exercício é um verdadeiro estimulante que faz renascer o appetite, facilita as digestões, regularisa admiravelmente a circulação venosa, torna faceis as defecações, favorece a respiração e dá á mulher, durante a noite, um somno agradável, tranquillo e reparador. Pelo contrario o exercício fatigante, que consiste em movimentos violentos e duradouros, deve cautelosamente ser evitado, porque prejudica grandemente a mulher e o feto; portanto, as corridas quer a pé, quer a cavallo, quer em carro em estradas irregulares e mal construidas, cujo effeito é o balouçamento, as danças, nomeadamente aquellas que em linguagem de salão se chamam *de roda* e toda a casta de movimentos precipitados e esforços mal cabidos devem ser totalmente proscriptos, porque ou determinam o aborto ou expoem o feto a uma suspensão no seu desenvolvimento ou a uma conformação organica viciosa. Devem tambem as mulheres grávidas evitar tanto quanto possivel fôr os choques ou contusões sobre o ventre, quer estes sejam intensos e rapidos, quer sejam persistentes e dotados de pouca intensidade, pois que, n'este ultimo caso, actuando continuamente sobre o mesmo sitio, pro-

duzem no feto effeitos muito semelhantes aos que resultam da acção dos primeiros (1).

No principio da gravidez devem as mulheres abster-se de tomar banhos frequentes. Se estão habituadas a elles, devem banhar-se raras vezes e conservar-se durante pouco tempo na agua. Os banhos devem, pois, limitar-se a uma simples immersão do corpo em agua tepida quer pura quer addicionada de 150 a 200 grammas de bicarbonato de sôda, cujo fim é tirar immediatamente os productos accumulados das secreções da pelle, como suor, materia sebacea, etc. Depois do quarto mez de gestação os banhos podem ser um pouco mais frequentes, sem que d'essa prática resulte perigo, e, no fim da gravidez, isto é, nos ultimos dias antes do parto, a multiplicação dos banhos, contribue poderosamente para que o parto seja favoravel. A sciencia e a prática dão d'isto plena demonstração.

(1) Já tivemos occasião de vêr, ha bastantes annos, n'uma quinta situada nas immediações da Covilhã, provincia da Beira-Baixa, um individuo que hoje pertence ao nosso exercito, o qual apresentava uma depressão circular n'um ou mais ossos da abobada craneana. O couro cabelludo n'aquelle sitio era liso e completamente desprovido de cabellos. Levando-nos a curiosidade a perguntar-lhe a que causa attribuia elle aquella depressão, lembramos-nos perfeitamente que elle nos respondeu o seguinte: que sua mãe, na occasião em que o trazia no ventre, andando a trabalhar com um ensinho, fazia, por falta de cautela, com que a extremidade livre do cabo d'este lhe viesse chocar o ventre, sempre no mesmo sitio, em todos os movimentos de *vai-vem*. Ignoramos qual foi o osso ou ossos lezados e qual a profundidade da depressão.

§ V

As influencias moraes energicas são em demasia perigosas ás mulheres gravidas a ponto de per si só provocarem frequentes vezes os abortos ou os partos prematuros. As mulheres das cidades e sobre tudo aquellas que estão habituadas a viver nas grandes rodas tem uma susceptibilidade maior do seu systema nervoso, devida já á constituição, já á sua posição social; de modo que um susto, uma commoção d'alegria um pouco energica, uma noticia aterradora ou uma exaltação de sua imaginação, que passariam sem effeito n'uma mulher do campo, podem ser séguidas de bem perigosas consequencias para a mãe, para o feto e para a sociedade. É, pois, de summa conveniencia que as mulheres n'este estado evitem as vigílias prolongadas, os saráos, os bailes, os theatros, onde se representem peças dramaticas ou tragicas que possam intensamente impressionar o seu systema nervoso, bem como devem abster-se completamente da leitura de certos livros, nomeadamente os romances, a qual póde dar identicos resultados.

§ VI

Serão perigosas para a mãe ou para o filho as relações sexuaes durante o periodo da gravidez? Entendemos

que o abuso d'ellas e, permitta-se-nos a expressão, a brutalidade e precipitação, com que certos individuos dizem pratical-as, devem concorrer frequentes vezes para a provocação d'abortos e d'hemorrhagias, accidentes muito perigosos; todavia, um uso moderado de coito não só não é prejudicial, mas é muitas vezes, quasi sempre, util e indicado; porquanto privar completamente uma mulher, pelo facto de estar grávida, do exercicio natural d'uma função tão importante, seria expol-a a uma sobre-excitação nervosa, que traria os mesmos inconvenientes que uma copula exagerada. Finalmente, terminando estas considerações relativas aos cuidados que a mulher grávida deve ter, dizemos com Fonssagrives : *Ce n'est pas assez qui l'hygiène ait préparé, dans une union soigneusement assortie, les conditions d'une descendance saine et robuste; sa tâche resterait incomplète, si elle n'entourait de sa sollicitude ce germe précieux pendant toute la durée de l'incubation maternelle, c'est-à-dire, si elle ne déterminait les précautions qui sont de nature à maintenir la solidité de cette greffe vivante et à favoriser son plein et régulière développement.* (Fonssagrives, *Entretiens Familieres sur l'Hygiène*, pag. 45).

§ VII

O parto tem lugar e a creança nasce. Se até aqui ella era credora da vigilante sollicitude do individuo que a trazia em seu ventre, d'aqui em diante mais credora se torna, porque mais numerosos e mais nocivos são os modificadores que sobre ella podem exercer a sua acção.

Durante o periodo intra-uterino nunca a creança, com effeito, experimentou mudanças de temperatura da parte do meio em que vivia, nunca experimentou necessidades d'alimentação, porque esta mui naturalmente lhe era continuamente offerecida pela sua procreadora e nunca, finalmente, reclamou pela sua linguagem pungente e chorosa os cuidados de limpeza, que desde o nascimento se tornam tam necessarios e essenciaes para o seu bem estar e conservação da sua saude e vida. E', pois, nosso intento tractarmos agora de todos estes pontos, que desenvolvemos na razão directa de nossas apoucadas forças; assim, fallaremos successivamente dos cuidados que se devem prestar á creança immediatamente depois do parto, da alimentação, da amamentação pela mão, da amamentação pela ama, da amamentação artificial, da desmamação e da benefica influencia que sobre ella póde exercer a acção dos modificadores ar, luz e calôr.

§ VIII

O cordão umbilical que estabelecia o laço d'união entre o feto e sua mãe devo sor cortado immediatamente depois do parto pela parteira ou parteiro assistente. A secção deve fazer-se n'um ponto que diste, pouco mais ou menos, tres centimetros da superficie do abdomen. Depois da incisão, que póde ser feita com tesouras afiadas ou outro qualquer instrumento bem cortante, o parteiro ou parteira que fez a operação, deve comprimir a extresecção do cordão fetal com os dedos pollex e indi-

cador da mão esquerda para se evitar qualquer hemorragia mais ou menos abundante, que poderia ser funesta para a creança. Deve proceder-se em seguida a uma dupla laqueação dos vasos que constituem, quasi em totalidade, o cordão umbilical com um fio de linha encerada e bastante resistente para se não quebrar no acto de dar o nó. A unica precaução a tomar n'esta simples operação consiste em não comprehender no laço a pelle que se estende por cima do cordão para se evitar a dôr, a inflamação e ulceração consecutivas, cuja dissipação pôde offerrecer serias difficuldades. E' conveniente, pois, deixar entre a extremidade seccionada do cordão e a prega entanca um espaço, de extensão rasoavel, a fim de se poder fazer nova laqueação sem comprimir a pelle, quando isso fôr necessario. O gráo de constricção do cordão deve ser tal que oblitere completa e permanentemente as arterias umbilicaes, sem comtudo lhes dividir as suas tenras paredes, caso este em que a laqueação seria inutil.

Após a laqueação do cordão vem a lavagem que se deve fazer á creança. Esta, quando nasce, apresenta-se coberta com uma camada ceruminosa, que é urgente tirar-lhe. Consegue-se este resultado, applicando-lhe levemente em toda a superficie do corpo uma substancia gordurosa, como azeite, oleo d'amendoas dôces, uma gemma d'ôvo etc.; a qualquer d'estas substancias, de que se fizer uso, deve seguir-se uma lavagem com agua tepida ou morna, que tem por fim destacar do corpo da creança a substancia ceruminosa, a que já nos referimos, bem como outros corpos pouco limpos que alli se poderiam applicar durante o parto. Limpa-se em seguida cautelosamente

com uma toalha fina sêcca e quente o corpinho do recém-nascido afim de que a pelle fique o menos humida possível, para que a evaporação do liquido não produza um arrefecimento, que, n'estas circumstancias, é muito prejudicial. A importancia d'esta primeira lavagem é capital; porque a camada ceruminosa que reveste o corpo da creança oppõe-se grandemente á transpiração cutanea, sem a qual a economia não se pôde ver livre dos materiaes que lhe não aproveitam e que por isso mesmo lhe são prejudiciaes. Se por um lado a physiologia nos dá estas noções, assentes sobre bases sólidas, por outro lado a natureza, confirmando a verdade physiologica, nos mostra todos os dias os animaes a lamberem seus filhos immediatamente depois do parto.

A lavagem do rosto da creança deve ser tida na maxima conta por causa dos importantes órgãos que na face se acham collocados, os quaes são, como sabemos, a bocca, o nariz, os olhos e os ouvidos. A' entrada da bocca apresentam as creanças, logo que nascem, uma maior ou menor accumulção de mucosidades, que, se não forem tiradas, difficultam a sucção do leite e contribuem com um importante quinhão para a asphyxia dos recém-nascidos. Nas fossas nasaes formam-se depositos da mesma natureza, os quaes, oppondo-se á passagem do ar para os órgãos respiratorios, incommodam fortamente a creança no acto da amamentação; porque, na verdade, se ella consegue introduzir na bocca, que suppremos mais ou menos limpa, o bico do peito, este será alli conservado por muito pouco tempo por causa da asphyxia que a ameaça, d'onde resultam gritos que a fatigam e incommodam e uma privação do seu ali-

mento tão necessario. A pelle que forra o conducto auditivo externo apresenta, como nol-o diz a anatomia, um grande numero de glandulas ceruminosas, que tem a seu cargo a secrecção do cerumen ou *cêra dos ouvidos*; se uma grande quantidade d'este cerumen se accumula no conducto, as vibrações sonoras não chegam á membrana do tympano e por isso não podem ser propagadas por intermedio d'esta membrana até ao ouvido interno. A consequencia d'esta accumulacção de cerumen é, pois, a surdez, a que se segue um outro effeito mais terrivel—a mudez. Com effeito, para que a palavra se desenvolva é essencialmente preciso que o orgão da audiçção seja impressionado pelos sons que a representam; ora, estando o ouvido completamente inhibido do seu functionalismo, os sons representativos das palavras não podem impressionar o orgão respectivo e a mudez é certa, fatal. Quantas mães serão involuntariamente a causa de seus filhos serem surdos-mudos! As cartilagens palpebraes encerram em sua espessura as glandulas de Meibomius, cujo fim é a secrecção d'uma materia sebacea, que se deposita no bordo livre das palpebras. Esta materia, se alli permanece por muito tempo, torna-se uma causa d'irritacção e inflammação para as membranas superficiaes do globo ocular, d'onde resultam perturbações visuaes mais ou menos intensas e graves, que, além de incommodarem a creança, podem tornar-se-lhe muitissimo prejudiciaes. Attendendo ao que deixamos dito é claro e imperioso que as mães ou pessoas que tractarem da limpeza das creanças sejam extremamente cuidadosas e rigorosas no cumprimento da missão que lhes foi confiada; devem lavar a miudo estes pequenos sêres e desprezar

completamente a opinião erronea e extravagante d'aquelles que dizem *que não se deve tirar á creança sua immundicie primitiva!*

A limpeza da cabeça é um ponto de grande importancia e por isso consagrar-lhe-hemos algumas linhas. A cabeça da creança deve ser lavada e limpa do mesmo modo que as outras partes do corpo, apesar de serem vulgarmente consideradas as crustas que cobrem o couro cabelludo, como uma *cousa sagrada*, em que se não deve tocar. Estas crustas são devidas á accumulção dos productos segregados e excretados pelo couro-cabelludo; portanto, qual a razão porque se devam respeitar estes do preferencia a outros de identica natureza que existem nas outras partes do corpo? O que entendemos é que, sendo a cabeça da creança, durante os primeiros tempos da vida extra-uterina, demasiadamente molle, se deve proceder a esta limpeza com a maxima cautela. Ungir a cabeça do recém-nascido e passar-lhe brandamente por cima uma escôva macia, eis o que devem ter em vista a pessoa ou pessoas, que tiverem a seu cargo uma tal occupação, que deve ser repetida diariamente. Um outro prejuizo vulgar, que convém dissipar, é o que diz respeito ao corte do cabello; porque affirmam convictas certas mães que tanto mais tarde começará a creança a falar, quanto mais cedo lhe fôr cortado o cabello. E' esta uma presumpção completamente anti-hygienica, que não tem razão de ser; portanto, quando os cabellos da creança se tornarem espessos e compridos não deve haver o menor receio de lh'os cortar, o que constitue uma boa medida de limpeza e um excellento meio de lhe dar uma cabelleira espessa e bella. Muitas vezes a cabeça da

creança serve de pastagem a certos parasitas (*pediculus capitis*), que é urgentissimo fazer desaparecer, qualquer que seja tambem o modo de pensar do vulgo a este respeito. Os resultados produzidos por estes animalculos, se são persistentes, são um estado de debilidade e enfraquecimento da creança, o qual desaparece, como a experiencia o mostra, se verdadeiros cuidados de limpeza são instituidos. A unção do cabello com um corpo gôrdo, com o oleo d'amendoas dôces que se oppõe á respiração dos parasitas e os asphyxia rapidamente, e o pente convenientemente manejado são meios excellentes que, a miudo, devem ser empregados em taes casos. Um outro ponto que deve merecer toda a attenção das mães é o que se refere ás excoriações, que as creanças apresentam na flexura das articulações e particularmente nas pregas das virilhas. Tres origens differentes podem ter estas lesões, que, por isso mesmo, reclamam cuidados de tres ordens. Na verdade, a esfoladura da epidorme nas regiões acima designadas ou pôde ser devida a um gráo bastante elevado de gordura, que a creança pôde apresentar, ou ligar-se a um estado de debilidade extrema ou finalmente depender da acção irritante dos proprios excrementos, em que a pouca vigilancia da mãe ou da ama a deixa viver. No primeiro caso remediar-se-ha o mal pulvilhando a parte ou partes lesadas com pó d'amido ou lycopodio, no segundo deve dirigir-se a attenção para a alimentação que, as mais das vezes, é deficiente e impropria e no terceiro a limpeza constante é o unico remedio.

De tudo o que deixamos escripto no tocante á limpeza das creanças deduz-se clara e facilmente que os banhos constituem o mais proficuo e conveniente meio de lim-

peza, quando elles sejam dados com todas as precauções recommendadas pela hygiene. Somos d'opinião que estes devem ser diarios e o liquido variará com a constituição da creança: se a creança é robusta, a agua pura é muito sufficiente; se porém, ella fôr de constituição fraca, se fôr debil, então associar-se-ha á agua uma porção mais ou menos consideravel de vinho, que, como excellente tonico, contribuirá com o seu quinhão para um robustecimento gradual e progressivo da creança.

Quaes são os principaes conselhos hygienicos que se devem respeitar na occasião em que se dão os banhos a estes pequenos sêres? São variados. Sem duvida, no ponto agora em questão, a temperatura da agua que deve servir para banho é grandemente importante, porisso que differentes modos de pensar existem a este respeito. Uns querem que a creança se habitue desde o nascimento á temperatura baixa, sendo por consequente sectarios e propugnadores dos banhos d'agua fria, outros pelo contrario, revoltando-se contra este modo de pensar, são campeões d'uma ideia opposta. E parece-nos que tem razão. Com effeito, a sensibilidade das creanças para o frio é grande e portanto as temperaturas baixas devem impressional-as mui desagradavelmente, o que as obrigará a manifestarem esta sensação de desagrado por meio de gritos intensos e duradouros, cujos resultados podem ser variados e funestos; demais, a experiencia mostra que só as creanças vigorosamente constituídas podem resistir á acção produzida pelos banhos frios. Admittimos, por consequente, o uso dos banhos d'agua morna, á temperatura de 27 a 30 grãos centigrados e só admittimos os banhos d'agua fria a titulo de remedio, com o fim de serem utili-

sadas pela medicina as reacções produzidas por elles. Temperada convenientemente a agua para o banho, a mãe ou ama deve mergulhar totalmente e com a maxima cautela o corpinho da creança na banheira acedamente preparada, onde o conservará durante 15 ou 20 minutos. Findo este lapso de tempo, tirará com todo o geito a creança da agua e limpá-a-ha immediatamente com uma toalha fina e bem sêcca, devendo ao mesmo tempo exercer leves e suaves fricções por todo o seu corpinho, as quaes devem ser continuadas com a mão depois da creança estar completamente enxuta. Estas fricções tem por fim activar as funcções da pelle. Desnecessario é dizer que o quarto ou sala, onde tiver lugar o banho, deve ser o mais agasalhado possivel.

§ IX

Vamos agora fazer algumas considerações geraes a respeito do modo, segundo o qual as creanças devem ser vestidas. Á frente d'estas considerações deve collocar-se uma escriptura limpa de todas as peças que constituem o vestuario e cama das creanças. As leis da hygiene e as conveniências sociaes impoem este rigoroso accio. Para se attingir este fim renovar-se-hão muitas vezes durante o dia as roupas brancas que fazem parte integrante do simples e modesto vestuario da creança e mudar-se-hão egualmente frequentes vezes os lençoes da sua cama. As creanças devem usar vestidos macios, leves, commodos e aptos para permittirem uma evaporação rapida aos productos de transpiração cutanea; porque os vestidos,

cujo poder emissivo é demasiadamente pequeno, como succede por exemplo aos de côr preta, oppoem-se á sahida dos productos exhalados pela pelle e dão, como resultado, um enfraquecimento da actividade tegumentar, fazendo além d'isso com que as creanças se tornem delicadas e muito impressionaveis á acção de um frio pouco intenso. É, n'esta questão, o conhecimento da constituição do pequeno sêr que guiará a mãe na escolha dos tecidos que devem constituir o enxoval de seu filho: assim, se a creança é robusta e apresenta por conseguinte uma boa constituição, a actividade dos seus órgãos fornecer-lhe-ha um bom gráo de calor natural que é muito preferivel ao artificial e, portanto, os vestidos muito quentes são prejudiciaes; se, porém, fôr delicada e fraca, caso em que a cifra de calor animal produzido é pequena, concordamos então em que um tecido felpudo, macio e bem lavado seja a primeira peça que envolva o seu tenro corpinho. A flanella preenche perfeitamente este fim durante as epochas de frio, caso unico em que vigorará esta nossa recommendação. Pensamos assim, porque estamos convencidos de que as creanças offerecem tanto menor resistencia ao frio quanto mais novas ellas são, embora mestres, cuja opinião respeitamos, pensem de modo contrario. A este respeito diz-nos o dr. Gauneau que é de grande conveniencia o habituar-se a creança, poucos momentos depois do nascimento, á intemperie das estações e chega a recommendar que deve sahir de casa com o rosto descoberto e pouco agasalhada durante as occasiões de frio. Firma o seu modo de pensar em conhecimentos physiologicos e na experiencia, porque, diz o douto medico francez, dil-o a physiologia e dizemol-o nós tambem, a

respiração é mais activa na creança que no adulto e a circulação do sangue faz-se egualmente n'ella com mais rapidez; d'aqui resulta que a creança desenvolve mais calôr que o adulto e que portanto, sua temperatura propria é mais elevada. Diz mais o precitado auctor que as creanças das aldêas, negligentemente vestidas, brincam impunemente na neve, por isso que nem ao menos conhecem defluxos; d'estes factos, que a cada passo se observam, deduz Gauneau que a sua recommendação está assente em alicerces inabalaveis e que, portanto, deve ser uma lei. Sem querermos medir forças com o denodado campeão, porque isso seria loucura, queremos simplesmente e com a devida venia exprimir que somos satélites da opinião contraria. Serão tambem a physiologia e a experiencia, sobre que assentaremos as nossas singelas considerações. É verdade, já o dissemos, que a respiração e a circulação são mais activas na creança que no adulto e que, portanto, sua temperatura é mais elevada que n'este; mas tambem é verdade que a creança durante a sua vida intra-uterina vivia n'um meio, cuja cifra de calorificação era de 37° centigrados e tambem ninguem duvida de que a acção dos modificadores externos era nulla para o feto. Com o nascimento, deixa a creança um meio para vir mergulhar-se n'outro collocado em circumstancias totalmente differentes. Em vez de um meio, cuja temperatura era sempre a mesma, encontra outro, onde as oscillações thermometricas são mui variaveis e contra as quaes tem de reagir para poder viver. A creança, em virtude da sua actividade respiratoria e circulatoria, produz uma quantidade maior de calôr que o adulto, mas a irradiação d'este, isto é, o seu desperdicio é tambem mais

consideravel n'aquella que n'este; portanto poderá a actividade calorifica da creança resistir á impressão que resulta da mudança dos meios e ás variantes de temperatura que se encontram na sua nova habilitação? Póde; mas com a condição de se achar collocada em circumstancias taes que se opponham ao despordicio do seu calôr, isto é, com a condição de estar agasalhada. Ora, se isto é necessario em casa, onde a temperatura é, em regra, mais alta e mais uniforme que ao ar livre, é evidente que os cuidados d'agasalho devem ser maiores, quando a creança sahe de casa. A opinião do dr. Gauneau parece-nos, pois, errada. O facto apontado por Gauneau, com referencia ás creanças que brincam illesamente, na neve, não vem a proposito, segundo o nosso modo de pensar. Com effeito, o organismo d'um recém-nascido differe consideravelmente do organismo d'uma creança de tres ou quatro annos; as circumstancias, em que ambos se acham collocados são totalmente diversas. Um individuo de tres annos está habituado ás impressões que resultam das frequentes variações thermometricas, possui um organismo, cuja actividade, relativa á d'um recém-nascido, é maior, executa movimentos variados, frequentes e continuados, cujo resultado é a producção de calôr e faz, alem d'isso, uso d'uma alimentação complexa, que augmenta consideravelmente as combustões organicas. Ora, se este individuo pode impunemente receber a impressão d'um frio intenso, succederá o mesmo a uma creança, que conta apenas alguns dias de existencia, como affirma Gauneau? Não de certo. Dado mesmo o caso que o argumento do medico francez viesse a proposito, poderíamos nós consideral-o como regra geral? Não é, em regra muito diffe-

rente o gráo de vigor e robustez dos individuos das cidades do das aldeias? Se estes se expõem a frios intensos, sem que d'esta exposição lhes resulte, as mais das vezes, incommodo algum sério, succederia o mesmo áquelles em identicas circumstancias? E não vêmos nós nas aldeias o serem muitas creanças victimas da acção d'um frio intenso, persistente e duradouro? Não sabemos nós que o frio pôde ser e é realmente a causa de doenças mui diversas e perigosas, como o rheumatismo, as paralyrias, as escrofulas e a tuberculose pulmonar? Portanto, pelo facto de algumas creanças vencerem um inimigo da sua saude e vida, não devemos consentir que as restantes meçam armas com elle, sob pena de as vermos succumbir aos golpes certos de adversario tão velho e amestrado. As considerações de Gauneau, baseadas por elle na experiencia, parecem-nos, pois, infundamentadas e perigosas. A nossa opinião, pois, é que as creanças devem ser bem agasalhadas logo após o nascimento, tendo-se todo o cuidado em evitar os excessos n'este sentido ou em sentido contrario, isto é, os vestidos da creança devem preencher o tripulo, a fim de a não abafarem, de se opporem ao seu arrefecimento e de a não fatigarem com seu demasiado pêso.

§ X

Todos os sêres organicos, animaes e vegetaes, na epocha do nascimento apresentam todos os seus órgãos ainda não completamente desenvolvidos e portanto, em relação com aquelle gráo de fraqueza que tão visivelmente os

caracterisa. E' esta uma das grandes verdades que a observação evidencia. O vegetal que mais tarde ha de apresentar uma raiz indefinidamente dividida, um tronco volumoso e consistente, uma numerosa successão de ramificações e uma folhagem espessa, verdejante e bella, apresenta, na epocha do seu nascimento, uma raiz simples, um cauliculo delgado e verguio e duas pequenas folhas a servirem-lhe de modesta corôa. Em identicas condições nascem todos os animaes, seja qual fôr a classe a que elles pertençam. Apresentam, na epocha do nascimento, todos os seus órgãos no estado rendimentar, apesar de já possuirem a fôrma que sempre devem conservar, e só se aperfeiçoam, augmentam de numero, força e consistencia com o passar continuado dos dias, dos mezes e dos annos. O conhecimento do modo, segundo o qual se opéra o desenvolvimento dos sêres organisados, mais palpavel tornará esta grande verdade. Lance-se um grão em terreno proprio, cubra-se com uma leve camada de terra, não se lhe estorve o contacto da agua, do calôr e da luz e elle germinará, apresentando logo no principio um esbôço de raiz, que se dirigirá para as entranhas do solo e uma pequenina membrana em fôrma de folha que virá mergulhar-se na atmospherá a procurar o ar e a luz de que necessita. Aqui temos uma planta o mais rudimentar possivel, por isso que está na primeira phase da sua existencia e o amplo desenvolvimento que mais tarde possuirá vai-se fazendo d'um modo lento, continuo e progressivo. A pequena raiz, que até aqui estava apenas esboçada, cresce em todos os sentidos, vae adquirindo maior consistencia e cobre-se de radículas, cujo numero vae prodigiosamente augmentando; as folhaceas membranas vão-se

desenvolvendo e vão insensivelmente mudando de aspecto e posição para mais dignamente representarem o papel que a natureza lhes confiou. Por cima d'estas bem depressa apparecem outras e outras e assim successivamente de modo que ao crecimento da raiz e augmento de numero dos appendices radiculares corresponde uma incessante multiplicidade dos orgãos aerios. O desenvolvimento d'este sêr continua incessantemente até um certo limite, de sorte que, n'uma certa epocha, em vez de termos uma planta com uma insignificante raiz e duas folhinhas, observamos um vegetal com as raizes profundamente sepultadas na terra e infinitamente divididas, com um tronco volumoso e valente, supportando o pêso d'uma numerosa collecção de ramificações e com uma folhagem encantadora que o torna o ornato de nossas florestas, jardins e passeios. E o que nos indica esta continua e progressiva desinvolução? Que o vegetal no principio da sua existencia não precisava d'orgãos numerosos para absorverem, elaborarem e assimillarem os materiaes da sua nutrição; uma simples e pequena raiz e duas folhas de mediocres dimensões eram, precisamente, o necessario para acudirem ás necessidades nutritivas d'aquelle pequeno organismo. A' medida, porém, que a planta se vae tornando corpulenta e respeitavel, os orgãos encarregados de lhe preparar o nutrimento vão proporcionalmente augmentando de numero, consistencia e actividade, porque d'outro modo o sêr organico considerado seria fatalmente condemnado a trocar a sua vida vegetativa por uma abolição completa e eterna da sua actividade.

Mereça agora a nossa attenção o desenvolvimento do outro grupo dos sêres organisados — o animal. Este na

primeira phase do seu desenvolvimento, é um pequeno ponto, quasi invisivel, em torno do qual se accumula uma massa informe, que bem depressa começa a experimentar um trabalho de organização e de tal arte que as diversas partes que devem constituir o individuo começam a delinear-se e desenvolver-se e vão pouco a pouco adquirindo a fórma que mais tarde sempre devem ter e conservar. Chega a epocha do nascimento e o animal vem ao mundo, mas pequenino e fraco; a pelle é apenas coberta com uma finissima penugem, ou plumagem ou vem completamente nua; os membros ou não podem sustentá-lo ou difficilmente o sustentam por causa da sua delicadeza e fraqueza; os órgãos digestivos, apesar d'existirem já em parte, sómente se accommodam a uma certa e bem determinada qualidade d'alimentos, e as necessidades imperiosas, que a sua nutrição exige se satisfaçam, só podem ser remediadas por um terceiro—os paes. Estes, na verdade, nas classes em que os seus cuidados são exigidos pela Natureza e consequentemente pela sua pro genie, desempenham a alta missão que naturalmente lhes foi confiada d'um modo um pouco differente, segundo a classe a que elles pertencem. Nas aves, os paes procuram e alguns até dividem e fazem experimentar aos alimentos um começo de digestão antes de os collocarem nos bicos de sua tenra e quasi implume prole, e nos mammiferos traz a mãe e só a mãe em seu proprio seio o alimento já preparado para seus caros filhos, dando d'est'arte lugar á seguinte verdade: a mãe alimenta o filho com seu sangue durante a prenhez e é ainda com o mesmo sangue, sôb a fórma de leite, com que o alimentará e deve alimentar durante um certo tempo, findo o qual elle proverá por si só ás necessidades da sua eco-

nomia. E' isto exactamente, e sem excepção, o que observamos nas aves e nos mammiferos, que estão debaixo das nossas vistas. Os órgãos digestivos e seus accessorios tanto n'uns como n'outros acham-se aptos para funcionar, é verdade, mas o seu funcionalismo seria alterado e bem depressa nullo, se se lhes ministrassem substancias sobre que são impotentes as forças de que elles n'aquella epocha podem dispôr. Eis o motivo por que a Natureza sábiamente encarregou os paes de escolherem ou prepararem as substancias alimentares, cuja transformação em principios nutritivos seja compativel com o gráo de actividade organica inherente a seus tenros filhos. Attente-se para o desenvolvimento d'estes pequenos sêres e convencer-nos-hemos de que elle se faz d'um modo continuo e progressivo e sem doenças ou, o que é mais, sem os mais leves incommodos que venham desviar esta marcha natural; examine-se com a vista o corpo, expressão e movimentos dos mesmos e admiraremos verdadeiros novêlos de gordura, alegres e activos; investiguemos a causa de todos estes phenomenos e veremos como a achamos na preparação e qualidade da alimentação de que elles fazem uzo, por intermedio unico de seus progenitores. Deixemos agora de considerar os animaes, em geral, sôb o ponto de vista que nos tem occupado, e dirijamos-nos, seguindo a mesma ordem de ideias, á especie humana, ao homem e aos animaes, sobre cujo desenvolvimento elle quer actuar com a intervenção da sua sabedoria. O que observamos em geral? Um desenvolvimento pouco regular, umas constituições achacadas e uns organismos, onde surgem a cada passo doenças numerosas e mui diversas. A que será devido tudo isto? Á Natureza,

que caprichosamente quiz fazer do homem e dos animaes, cujo desenvolvimento elle quer regular, uns verdadeiros martyres, os sêres sobre que cevasse a sua tyrannia? A alguma lei certa e fatal de que todos os animaes é permittido esquivarem-se e da qual o homem se não pôde ver livre? A uma organização especial do homem, verdadeiro iman dos padecimentos mais numerosos e extravagantes? Não, de certo; estamos convencidos de que ninguém se lembra de taes imputações. A que será, portanto, devida esta serie de calamidades que assaltam e acompanham o homem desde o berço até ao tumulto? Ao homem, sómente; porque julgando-se mais habil e sábio que a Natureza e mais fôrte que os animaes, em tudo quer intervir e a respeito de tudo quer dar sábias ordens! Coitado! não se lembra de que de todos os sêres da criação é elle o que nasce mais fraco, mais incapaz de se mover e o que mais necessita de protecção. Exforcemos-nos por demonstrar em breves palavras a veracidade da ideia que aventamos.

Na epocha do nascimento são os pulmões e a pelle os unicos órgãos do corpo humano que se acham bem desenvolvidos para um bom e regular functionalismo. Crescem a par com o crescimento das outras partes do corpo humano, mas a sua structura e consistencia ficam sempre invariaveis. E assim devia succeder, porque a creança, logo que nasce, precisa d'ar para viver e luz para o seu regular desenvolvimento; devia, portanto, vir preparada do ventre da mãe com órgãos bem desenvolvidos e dispostos a receberem a impressão d'aquelles modificadores. Acontecerá o mesmo aos outros órgãos da economia? Vejamos. Os membros inferiores e superiores, embora

apresentem a fôrma que sempre devem conservar, são de tal modo fracos que seria completamente impossivel aos primeiros o poderem supportar o pêso da creança e aos segundos o segurar um qualquer objecto dos muitos que a cercam. Os ouvidos e os olhos apresentam-se plenamente abertos, mas não podem prestar nenhum auxilio á audição e visão, porque o centro que transforma as impressões em sensações — o cerebro — apenas esboçado, não é mais que uma massa de consistencia molle. As glandulas, que mais tarde deverão representar um papel importantissimo na conversão dos alimentos em principios nutritivos, offerecem-se-nos no primeiro periodo do seu desenvolvimento, sendo, por conseguinte, muito fraca a sua potencia secretora. A saliva é neutra e alem d'isso muito pouco abundante, porisso que apenas lubrifica a mucosa buccal, sobre que se derrama. A lingua, embora pequena, apparece formada e dotada de movimentos muito energicos; assim devia ser; porque, sendo ella o agente essencial da sucção do leite, devia entrar em exercicio, logo após o nascimento. As maxillas, embora se movam, são de branda consistencia e completamente desprovidas de dentes; não podem, portanto, dividir e triturar os alimentos. Finalmente, o estomago e o resto do tubo digestivo apresentam-se no estado rudimentar: possuem a fôrma que sempre terão, mas são dotados de pouca força e actividade. Vê-se, pois, por esta rapida exposição que de todos os órgãos do corpo humano, na epocha do nascimento, só os pulmões, a pelle e a lingua se acham convenientemente organisados para funcționarem immediatamente depois do nascimento, ao passo que o restante do organismo não é mais que um esboço, que dá uma ideia

abreviada do que o individuo será mais tarde. Sendo verdadeiramente exacto o que deixamos escripto, como realmente é, poderá a creança alimentar-se com alguma das substancias que compoem o regimen alimentar do adulto? Não, evidentemente. Qual a razão, porque a saliva é neutra e pouco abundante? Porque motivo se apresenta o estomago, apenas esboçado, com a membrana muscular apenas perceptivel e com a mucosa muito delgada e lisa? Porque razão as maxillas são molles e desprovidas de dentes? É porque estes differentes órgãos não deviam funcionar logo-após o nascimento, d'onde se infere mui naturalmente que creança deve continuar a ser alimentada, durante um periodo que não pode precisar-se ou marcar-se, com o sangue de sua mãe, transformado em leite pela actividade dos órgãos mammarios. É pois, com o leite da mãe, que começa a apparecer immediatamente depois do parto, e que só acaba d'alli a dezoito ou vinte mezes, que a creança deve ser exclusivamente alimentada. É isto o que, em geral, se observa? Não, infelizmente. O homem, como rei da creação, julgando-se, como já dissemos, mais sábio que a Natureza e envergonhando-se de imitar os animaes, entende que a sua intervenção é precisa em tudo. Entende que a creança deve ser tractada como um homem; é preciso, pois, dar-lhe um bom estomago á custa de sôpas, caldo, carne, papa, etc. que continuamente são introduzidas n'esta fraca e membranosa viscera! Que ignorancia dos elementares principios hygienicos e que amor, d'onde se deduzem consequencias tão más e ás vezes tam fataes! Estabelecemos, pois, o seguinte principio, assente sobre os dados que a razão nos forneceu: Qualquer alimento que não seja o leite, dado a

uma creança, no periodo em que a estamos considerando, equivale a dedical-a a uma morte certa ou pelo menos expol-a a perigos sem numero que, as mais das vezes, vão dar ao mesmo fim. Ouçamos agora, por intermedio dos animaes, a voz da Natureza e vejamos se a observação dos factos presta o seu appoio ao principio estabelecido. Na verdade, quem haverá que não tenha observado uma ou muitas vezes os cuidados extremos que uma cadella, por exemplo, tem a respeito da alimentação de seus filhos? Nunca se alimenta na presença da sua progenie, vae á caça e come ás escondidas o producto do seu trabalho, e se alguém lhe atira para o ninho com algum alimento solido, ella bem depressa o agarra, foge com elle e vae comê-lo apressadamente para longe da sua habitação. Se acaso os filhos a seguem e alcançam, ella retoma o resto do alimento e de novo lhes fugirá. Executará ella toda esta serie d'actos com o receio e inveja de que seus filhos lhe roubem alguma porção do alimento? Não; porque, logo que elles cheguem á idade de poderem alimentar-se como ella, logo que elles tenham dentes bem desenvolvidos, o que ella conhece pelas mordeduras que recebe nas mamas, então vae á caça e traz para o ninho o que pôde pillar a fim de servir de pasto aos sêres que gerou. Embora ella tenha fome, como come de vagar e não com sofreguidão! Como ella sabe manifestar o amor de mãe! Examinemos em seguida o estado physico dos filhos e convencer-nos-hemos de que todos estão no gôso d'uma optima saude. Não encontramos n'elles uma só molestia d'essa grande lista de doenças que affligem e dizimam as creanças: não ha n'elles enfartamentos ganglionares, não são portadores de convulsões, não apresentam dyarrhea,

etc. etc. Vêmol-os, pelo contrario, gordos, com o pêllo luzidio e com os movimentos rapidos. Porque razão não succede o mesmo ás tenras creancinhas? Porque a quasi totalidade das mães, levadas quasi sempre por um bom sentimento, lhes ministra uma alimentação que não está em relação com o seu estado de fraqueza, uma alimentação difficil de degerir e que por isso mesmo demanda um trabalho demasiado e impossivel da parte dos órgãos que a recebem.

Já dissemos, e vamos repetil-o, que a creança nasce sem dentes e que assim se conserva durante algum tempo, que a sua saliva é neutra e pouco abundante e que o seu estomago é uma delgada bolsa, onde os folliculos gastricos existem no estado rudimentar; portanto, é claro que os alimentos solidos não podem ser mastigados e convenientemente insalivados e que a digestão estomachal não pode ter lugar; d'aqui se infere logicamente que o resultado produzido pela ingestão d'esta classe d'alimentos é a irritação do estomago e intestinos e a dyar-rhea que, muitas vezes, é fatal. Façam-se uma ou mais experiencias e ver-se-ha que é esta a expressão real dos factos. Pare uma cadella uma ninhada de cachôrros; tire-se-lhe um e crie-se fóra da mãe; ministrem-se a este os mais pingues manjares durante vinte dias, por exemplo, e no fim d'este tempo compare-se o estado d'este cachorro com o que offerecem seus irmãos; o que se nota? Uma differença completa. Os que foram amamentados pela mãe estão gôrdos, apresentam o pêllo macio e luzidio, os olhos vivos e os movimentos rapidos e energicos, e o que foi creado sôb a direcção do homem está magro, apresenta o pêllo aspero, o olhar triste, o ventre demasiadamente cres-

cido, dyarrhea e os movimentos lentos. Restitua-se á mãe o filho que se lhe roubou e ver-se-ha com grande admiração que no fim d'alguns dias offerece um estado de gordura e alegria identico ao de seus irmãos. De que dependia esta serie de phenomenos que apresentava o cachôrro alimentado pelo homem? Sem duvida do genero d'alimentação, que, apesar de ser substancial, era totalmente impropria para aquelle organismo n'aquella idade. O que succede ao animal escolhido para exemplo, succede exactamente ás creanças e não nos envergonhemos de comparar estes dois sêres sôb o ponto de vista a que nos estamos referindo, por isso que o homem e os restantes animaes nascem fracos, todos necessitam d'uma alimentação especial já preparada, e em todos, finalmente, está o desenvolvimento submettido ás mesmas leis. Segundo o que deixamos dito, affigura-se-nos que podemos dizer, sem ser contradictos, que baseados na observação qualquer alimento, que não seja o leite, dado a uma creança no periodo, em que a estamos considerando, equivale a dedical-a a uma morte certa ou pelo menos expol-a a perigos sem numero que, as mais das vezes, vão dar ao mesmo fim.

§ XI

Demonstrado no paragrapho precedente que é o leite o unico alimento que convém ás creanças, segue-se mui naturalmente o tractar de vêr agora por quem deve ser feita a amamentação, sem duvida o ponto mais espinhoso e util d'este nosso modesto escripto. Observamos, para

cabal intelligencia do que n'este paragrapho expozermos, que nos referimos unica e exclusivamente ás mães bem constituídas, cujo leite é abundante e dotado de boas propriedades e nas quaes a hereditariedade não exerce alguma influencia nociva, isto é, referimos-nos ás mães que tem todos os predicados para poderem salutarmente crear seus filhos, pois que o caso contrario será esboçado no paragrapho immediatamente seguinte. Na ordem de considerações, em que já vamos entrar, serão o raciocinio, a Natureza, os interesses da familia e da sociedade as fontes, onde beberemos os argumentos que demonstrem a nossa convicção. Vejamos o que se passa no utero da mulher desde que a fecundação do ovulo teve lugar. Este pequeno ponto, destacando-se do ovario, chega, pelo caminho que lhe é dado percorrer, á cavidade uterina, onde recebe o impulso da vida transmittido pelo animalculo fecundante—o espermatozoide. Desde este momento os vasos da madre começam a dilatar-se e a receber, por consequente, uma quantidade maior de sangue que até alli, destinada em parte á nutrição do órgão e em parte ao desenvolvimento do sêr que elle encerra. Esta dilatação vascular e affluxo sanguineo vão successivamente crescendo, porque cada vez mais exigentes se tornam as necessidades nutritivas do feto. Dura este estado de cousas até á epocha do parto, em que uma metrorrhagia mais ou menos persistente e abundante tem lugar. Depois d'esta occasião, o tecido muscular do utero grandemente distendido pelo ovoide fetal até alli contido em sua cavidade, começa a retrahir-se em progressão crescente, o calibre dos vasos uterinos vae gradualmente diminuindo e o sangue, cuja quantidade destinada á madre é, consequentemen-

te, cada vez menor, muda de direcção e afflue para as glandulas mammarias em quantidade muito maior do que normalmente para alli costuma affluir. Opera-se no organismo da mulher uma perfeita derivação salutar. Então as mammas da mulher tornam-se a séde de sensações especiaes e novas que lhe annunciam a existencia d'um trabalho n'aquelles órgãos glandulares e a convidam a levar instinctiva ou conscientemente as mãos aos peitos, cujos bicos comprime e dos quaes vê sahir com grande satisfação e alegria um liquido amarellado, a que dá o nome de leite. Chegou a epocha da maternidade, o mais notavel e momentoso acontecimento da vida da mulher! Experimentado este primeiro leite, reconhecem-se n'elle propriedades purgantes e observado ao microscopio nota-se que ha uma verdadeira similhança de composição entre elle e o sangue pertencente ao mesmo organismo. O mesmo instrumento, phisiologicamente manejado, dá-nos a certeza de que o sangue, nas mulheres, soffre variações quasi infinitas nas proporções de seus elementos constitutivos. São estes os factos, que, por isso mesmo, se não podem negar; vejamos agora qual será a illação que a reflexão nos leva a deduzir d'elles. Perguntamos, pois, qual o motivo, porque, desde que a fundação do ovulo teve lugar, o sangue afflue em quantidade successivamente crescente ao utero da mulher? Porque razão, depois do parto, muda de caminho este affluxo e se dirige, augmentando sempre em quantidade até uma certa epocha, aos órgãos mammarios? Qual é o fim das propriedades purgantes do primeiro leite? Porque será que ha uma similhança tão notavel entre o sangue e o leite da mesma mulher? Finalmente, qual a razão porque as glandulas mammarias só-

mente são a séde d'um trabalho secretor em seguida ao parto e não em outra qualquer occasião? Respondemos: O sangue afflue ao utero em quantidade successivamente crescente, porque é elle e só elle que é destinado a nutrir o novo sêr durante a incubação materna, onde vão sendo cada vez maiores as necessidades de nutrição, pelo facto d'um continuo e progressivo desenvolvimento; o sangue muda de caminho, depois do parto, e dirige-se da madre ás glandulas mammarias, porque é ainda elle que, sôb o aspecto de leite, ha de e deve ser o unico alimento, durante um certo tempo, do producto da concepção; o primeiro leite gosa de propriedades purgantes, porque é destinado a expellir dos intestinos da creança uma substancia de côr verde um pouco escura, a que se dá o nome de *meconio*; existe uma similhaça tão notavel entre o sangue e o leite da mesma mulher, porque, estando o organismo do feto habituado a ser alimentado pelo primeiro, é com o segundo que natural e racionalmente deve continuar a alimentar-se; finalmente, as glandulas mammarias sómente são a séde d'um trabalho secretor depois do parto, embora ellas se achem completamente desenvolvidas, passada a idade da puberdade, porque n'outra qualquer occasião esta actividade secretora seria inutil e prejudicial. Demais, para que começam a desenvolver-se activamente os peitos da mulher, logo que chega a epocha da puberdade? É para enfeite ou para um fim util e importante? Como estamos convictos de que tudo o que existe tem uma razão plausivel da sua existencia, cremos firmemente, porque assim deve ser, que o fim para que os órgãos mammarios da mulher foram creados consiste na amamentação de seus filhos. De todas estas conside-

rações concluimos, portanto, que *sôb o ponto de vista racional deve a mãe e só a mãe amamentar o filho que procreou*. Observemos agora a vontade da Natureza, por intermedio dos animaes, relativa á importante e séria questão da amamentação; para isso, estudemos detidamente o vi er dos animaes desde o mais manso até ao mais feroz e veremos que, embora tenham instinctos mui diversos e oppostos, n'elles todos existe uma inclinação natural, semelhante e acrysolada—a amamentação ou alimentação dos filhos feita ou pela mãe ou pela mãe e pelo pae. Se uma fêmea pare um ou muitos filhos, o que se observa? Que após o parto se colloca convenientemente afim de que a sua pro genie procure instinctivamente as têtas, d'onde possa chupar o alimento que tão necessario se lhe torna. Que um animal qualquer passe nas circumvisinhanças do ninho e não tardará a mãe, com o receio de que lhe roubem os filhos, a accommettel-o e afugental-o para longe da sua ninhada. As aves fazem em tempo competente o ninho, fazem a postura, chocam os ovos e em seguida nascem os filhos implumes. Abandonam-nos, por ventura, logo depois de terem nascido? Não; umas alimentam-nos com substancias de origem animal, a que já fizeram experimentar um começo de digestão e que, pelo vomito provocado, depositam quer no bico quer no ninho de seus filhos; outras, em attenção a certas propriedades das substancias alimentares que destinam á alimentação de seus filhos, dispensam essa digestão prévia e trazem seguros nos bicos o sustento que lhes é proprio n'aquellas edades. Se alguém rouba a estes paes os productos dos seus amores, vel-os-hemos andar esvoaçando durante horas e horas em volta do ninho vasio e

soltando com sua voz verdadeiros gemidos, filhos da dôr que os afflige, ou executando movimentos que traduzem o mesmo. O que indica esta serie de phenomenos que se podem observar a cada passo? Que a Natureza incumbiu exclusivamente á mãe ou aos paes, conforme a classe d'animaes, a custosa mas satisfactoria tarefa da amamentação ou alimentação de seus filhos. Inda podemos ir mais longe. Qual a razão, porque a Natureza deu ás fêmeas dos mammiferos um numero de mammas que está em relação com o numero de filhos que ellas, em geral, procriam? Não quer esta sapientissima determinação do Creador revelar-nos que é a mãe que deve ser a verdadeira nutriente de seus filhos? Portanto, se todos os animaes desde aquelle, cujo instincto é o mais apurado até aquelle, cujo instincto é o mais rude, obedecem á palavra auctorizada da Natureza, qual a razão, porque a mulher aliena para outra, e mediante uma certa retribuição, um trabalho glorioso que é o completamento da verdadeira maternidade? Todos os animaes criam seus filhos e ficam tristes e inconsolaveis se alguém lh'os rouba, privando-os d'este modo da ultimação de serviço tão custoso e agradável, e só a mulher, o sêr bello da criação, cede voluntariamente, e o que é mais, servindo-se muitas vezes de rogos e promessas, a outra o sublime e suave nome de mãe a titulo de motivos o mais das vezes futeis!! Concluindo, dizemos, pois: *Se a mãe, na questão que nos occupa, quizer obedecer á voz da Natureza, só ella deve alimentar com seu leite a creança que procreou.* Transgredir este preceito é injuriar a Natureza, o seu intellecto e coração. Vejamos agora se os interesses da familia e da sociedade exigem da mulher parida um semelhante

trabalho. Já vimos que, de harmonia com a ideia que nós propozemos defender, o melhor alimento para a creança, o unico que deve tomar e que seus órgãos podem convenientemente digerir, é o leite fornecido por sua propria mãe; tão verdadeiro como isto é que, para utilidade da mãe, a resolução a mais sábia e a unica que ella deve abraçar consiste em que seu filho seja por ella mesma e por ella só amamentado. Exige-o a Natureza, a sua saude, a sua vida, a moral, a felicidade da familia e da sociedade. Quando uma mulher, por causa da satisfação de certos desejos, por via de interesses ficticios por ella allegados, os quaes, portanto, nada valem, por isso que não existem, em attenção ao *mundo elegante*, em que é peccado imperdoavel o não viver e por causa d'outros pretextos ôccos que julgamos desnecessario aqui enumerar, abdica em favor d'uma mercenaria chamada ama a mais santa e a mais bella prerogativa que Deos lhe concedeu, o que succede? Que não só se priva voluntariamente da incomparavel alegria de ser verdadeira mãe—mãe completa, mas tambem se expõe muitas vezes a inconvenientes da maior gravidade e tanto maior quanto mais consideravel é o espaço de tempo comprehendido entre a manifestação dos accidentes e a acção da causa que lhes dá lugar. Duas ordens de males, chronologicamente fallando, origina a não amamentação pela mulher que recentemente deu á luz; ou estes apparecem immediatamente depois do parto ou se manifestam alguns annos depois, o que lhes dá um character de subida gravidade, como já dissemos. No numero dos primeiros mencionaremos a febre de leite que, nulla ou quasi nulla na mulher que amamenta, adquire ordinariamente no caso contrario

uma gravidade tal que pôde occasionar perturbações cerebraes de subida gravidade, como a alienação mental. Além d'estes, outros incommodos, cuja existencia é certa, salvas pouquissimas excepções, se manifestam nos peitos da mulher que não quer amamentar. Consistem estes em tumores altamente dolorosos, que podem adquirir um volume enorme, em virtude da demora muito prolongada do leite que constantemente está sendo segregado e quo, não podendo de modo algum sahir ou não sahindo em quantidade proporcional á que é segregada, irrita, pela sua accumulacão, as glandulas, inflamma-as e torna-se, por isso, a causa de abcessos dolorosos que exigem operações tambem dolorosas. Segundo a opinião d'alguns medicos de nome, estes abcessos podem deixar, como seus legitimos herdeiros, nucleos glandulares endurecidos, que mais tarde se poderão transformar em produções morbidas malignas—o carcinoma mammario ou cancro do seio—por bem pouco que a mulher esteja predisposta a esta fatalidade. Se considerarmos agora os accidentes que podem invadir os orgãos genitales lá encontraremos, entre outros, a deslocação da madre, sua inercia, ás vezes uma esterilidade temporaria, o catarrho uterino, as ulceras e até mesmo produções d'outra natureza, se para estas existir a predisposição. Ajunte-se a tudo isto que em virtude d'esta ou d'aquell'outra doença que acabamos de mencionar, a mulher perde sua belleza, sua alegria e actividade; que seu caracter se exaspera á menor observação; que as relações sexuaes entre ella e seu marido se tornam difficeis e ás vezes impossiveis, e convencer-nos-hemos de que atinamos com a causa do descontentamento que reina no seio da familia, explicaremos a razão,

porque o marido, aborrecido e pensativo, procura fóra do lar domestico as distracções que alli não existem e não ignoraremos o que deu origem á desordem, ao chaos e á infelicidade entre os esposos. Perante este quadro verdadeiramente assustador, que não é producto da nossa imaginação, mas sim o resultado da longa experiencia de medicos famosos e conscienciosos, que mãe haverá que, já não dizemos por dever, mas por amor á sua saude, vida e felicidade, deixe de amamentar o seu filho ?!

Parece-nos que estamos ouvindo algumas observações que, á primeira vista, parecem ter algum valor: Quem nos diz que todos esses accidentes apontados procedem da causa não amamentação pela mãe? Porque razão se não observa a maior parte d'essas calamidades nas mães que engeitam os filhos ou n'aquellas (o que vale o mesmo) que os entregam a uma ama? Facilimo se torna, a nosso vêr, o resolver tão faceis problemas. Nós não queremos dizer que a não amamentação pela mãe seja a causa unica capaz de produzir aquelles padecimentos, bem como não é nossa intenção affirmar que elles devem apparecer necessariamente em todas as mulheres n'aquellas condições; queremos simplesmente exprimir que entre o numero d'aquellas causas deve figurar a que referimos como sendo a mais frequente. Com effeito, se nos dirigirmos ás mulheres pobres das cidades, áquellas que não podem pagar a uma ama, vel-as-hemos, apesar d'uma idade já bastante avançada, alegres e com bom aspecto, signaes de perfeita saude e se olharmos para as mulheres das nossas aldêas, onde a palavra trabalho encerra toda a casta de divertimentos, vel-as-hemos egualmente robustas e sádias, embora tenham soffrido as dôres de dez ou

dôze partos. N'estas mulheres, rarissimas vezes se encontram catarrhos uterinos, abcessos dolorosos dos seios, deslocações do utero, etc., e a febre de leite passa para ellas quasi desapercebida. Perguntemos-lhes se entregaram os seus filhos a amas e ouviremos, como garbosa resposta, que foram ellas que criaram seus filhos todos.

Vejamos por outro lado se as fêmeas dos animaes apresentam alguma doença em seguida ao parto, a não ser no caso em que o homem intervém roubando-lhes extemporaneamente os filhos. É na verdade, cousa muito sabida dos caçadores e pastores que o tirar ou matar a uma cadella, recentemente parida, os filhos todos é perverter-lhe completamente o instincto; eis o motivo, porque, embora lhe tirem ou matem alguns, os donos experimentados lhe conservam os restantes com o unico fim, ás vezes, de lhe tirarem o leite. A não amamentação pela mãe exerce, portanto, sobre sua saude e vida uma acção nociva.

Já dissemos n'esta mesma parte da nossa dissertação que a gravidade dos accidentes, consequencias da não amamentação, era tanto maior quanto mais consideravel fosse o espaço de tempo comprehendido entre a manifestação dos accidentes e a acção da causa que lhes dá lugar. Na verdade, emquanto a mulher é nova e emquanto os seus órgãos possuem bastante vigor e actividade, estes reagem poderosamente contra as affecções que n'elles pretendem estabelecer domicilio e oppõe-se, por consequente, á manifestação plena d'estas. Estabelece-se uma verdadeira lucta entre a causa morbifica e a actividade conservadora ou força de reacção dos órgãos; mas, como a par do progresso da idade, além de certo ponto em dian-

te, caminha o enfraquecimento organico, então a potencia nociva da affecção excede a força reaccionaria do organismo e a doença estabelece-se definitivamente e com todo o seu cortejo de gravidade. A mulher emmagrece então a olhos vistos, somem-se-lhe a alegria e a belleza e em vez de córada e activa como d'antes era, torna-se pallida e languida. Ora, todos estes phenomenos, visto que se manifestam n'uma epocha assaz affastada d'aquella em que a causa prima existiu, nunca são filiados no facto— não amamentação pela mãe, antes são referidos a causas mui diversas que vieram simplesmente representar o papel de causas intercurrentes e que vieram, de facto, aggravar a situação da mulher; mas, se na epocha da manifestação do mal, se analysar attentamente o passado morbido da mulher, chegar-nos-hemos a convencer de que, na maioria dos casos, a não amamentação é a causa primordial e mais efficaz dos padecimentos mencionados. Logo, repetimol-o, a não amamentação pela mãe exerce uma acção nociva sobre sua saude e vida e lança no seio da familia o pomo da discordia e, portanto, a infelicidade. Vejamos agora, se a sociedade, de que a creança é um dos membros em miniatura, soffrerá o seu quinhão com a amamentação mercenaria. Da perturbação da vida e felicidade domesticas, infere-se logicamente que a sociedade, que é uma familia numerosissima, deve necessariamente ficar sujeita a identicas perturbações. Façamos, com tudo, algumas observações que tornem mais clara a nossa ideia. É claro, é evidente que, quando uma mãe, por motivos que inventa ou por sua propria vontade assim o determinar, não quer amamentar o seu filho, tem de o entregar a uma ama ou de alimentar-o com o leite de cer-

tos animaes domesticos; ora, como o primeiro caso é o que constitue a regra geral, sómente d'elle nos occuparemos. Vejamos, então, quaes os principaes inconvenientes da amamentação mercenaria, pelo que diz respeito aos interesses da sociedade. Estabelecemos, como principio incontestavel, que o gráo de prosperidade da sociedade é proporcional ao gráo d'actividade dos individuos que a constituem; se fizermos ver que a actividade physica e moral das creanças soffre, em regra, com o uso d'uma amamentação mercenaria, teremos demonstrado, pelo menos resumidamente, que foram sacrificados os interesses da sociedade. Já dissemos algures, o que repetimos aqui por isso que o admittimos, que o leite da mãe era o unico alimento que convinha á creança para o seu bom e regular desenvolvimento, por isso que, estando o organismo do feto habituado a ser nutrido com o sangue da mãe, perturbações funcçionaes de intensidade variavel se dariam na creança, se o mesmo sangue transformado em leite a não continuasse a alimentar. D'essas perturbações que necessariamente se dão com a amamentação mercenaria, se não sempre, pelo menos quasi sempre, deduz-se mui naturalmente a existencia de variadas modificações organicas. Resta saber de que natureza são estas modificações. Dividimos as amas em dois grupos: amas de profissão e amas por necessidade. As primeiras, caprichosas e ambiciosas de dinheiro e de todas as commodidades—verdadeiras senhoras de proverbiaes exigencias, offerecem-se a desempenhar um mester com a unica mira n'um bom salario, na profusão de iguarias gostosas e substanciaes e na ausencia completa de trabalho. As manifestações d'amisade para com a creança que imprudentemente

se lhes confiou tem horas, só existem na presença dos paes com o fim de grangearem d'elles, não a estima e a amizade, cousas que ellas pouco presam, mas frequentes remunerações. O leite que ellas segregam é, em regra, antigo, porque o ultimo parto que antecedeu a sua apparição já passou ha vinte ou trinta mezes e mais. Estas amas, muito respeitadoras do seu bem estar, querem passar as horas destinadas ao repouso do corpo e do espirito no mais rigoroso socego e quietação; não querem um descanso intermittente, porque isso molesta-as, mas continuo e prolongado; como, porém, a creança, sua innocente companhia, tem de manifestar por gritos a necessidade da sua limpeza e alimentação, ellas *sábiamente* obviavam a estas impertinencias, ministrando-lhe substancias que a obrigam a dormir profunda e demoradamente. Ellas já tem conhecimento da acção do opio, do xarope de chlorhydrato de morphina e do decocto de cabeças de papoulas! Por estas breves considerações pode-se perfeitamente avaliar o gráo de *pureza* dos sentimentos moraes d'aquellas creaturas.

A sua saude quasi sempre se offerece a reparos e a reparos de séria gravidade, porque, estando completamente despidas d'honra e moralidade, não poucas vezes são victimas de relações sexuaes impuras. De todos estes factos, cuja existencia, na maior parte, se tem observado no Porto a darmos credito ao que se diz e escreve, que conclusão se póde tirar? Que as amas de profissão são o mais terrivel inimigo do desenvolvimento organico das creanças e que portanto perde a sociedade por causa d'ellas socios que muito lhe interessariam; logo, taes amas são prejudiciaes aos interesses da sociedade.

Consideremos agora o outro grupo, onde podem entrar as mulheres solteiras e casadas, sendo estas as que offerecem menores inconvenientes, mas, sendo, infelizmente, as mais raras. As mulheres solteiras—amas por necessidade—a quem a seducção tirou do caminho da honra, ou foram nascidas e creadas nas aldêas ou nos grandes centros de população. Os seus habitos e modos de pensar estão em relação com os existentes na camada social, em que tem vivido. As das aldeias, habituadas a trabalhos grosseiros e que não primam pela limpeza e possuindo uma educação rude e grosseira, são naturalmente pouco aceedas e essencialmente desageitadas para o trabalho, cuja execução se lhes confia. Além d'estes predicados, não tardam muito em habituarem-se ao descanso e em apreciar-o devidamente, porque o homem, embora traga ao nascer o destino de trabalhar incessantemente, é muito propenso para o socego e quietação, quando elle vê que do seu trabalho só resultam lucros para um terceiro. É por isso que ellas querem passar as noites sem se incomodarem, não fazendo caso, porque foram creadas em condições identicas, dos gritos exigentes da creança que tem de limpar e alimentar. Assim, embora a saude d'estas amas seja rasoavel e o leite abundante e nutritivo, o desenvolvimento das creanças que lhe confiaram não segue uma bôa via, porque á immundicie em que vivem, pelo menos metade do tempo da sua criação, junta-se a falta d'alimentação e a pouca pericia da ama, que, ás vezes, é a causa de defeitos organicos de bastante consideração. As amas das cidades, habituadas a respirarem um ar vi-ciado, afeitas a viverem em contacto com individuos devassos e corruptos, peritas na prática d'actos repugnan-

tes e escandalosos, desprovidas d'um vislumbre, sequer, de moralidade, e fócios das molestias as mais repugnantes e contagiosas tem, como se diz em linguagem vulgar, as inquirições tiradas. Com a admissão, pois, d'umas ou d'outras na casa paterna, a creança soffreu no seu desenvolvimento physico e moral e a sociedade, portanto, perdeu e não lucrou. A respeito das amas que levam a creança que se lhes entrega para longe dos paes nada diremos, por que são bem certos e sabidos os grandes inconvenientes que resultam d'uma tal necessidade ou voluntaria resolução. A alimentação mercenaria prejudica, pois, os interesses da sociedade, pois que em vez de individuos robustos e activos possuirá socios fracos, achacados e languidos.

§ XII

No paragrapho precedente reprovamos com todas as veras a amamentação mercenaria no caso em que a mãe possuisse todos os predicados de uma boa âma; como nem sempre isto acontece, vejamos em que circumstancias se torna necessario e util o prohibir á mãe que alimente com seu leite a sua tenra creancinha, isto é, vejamos em que casos se torna urgente a aquisição d'uma ama. O leite da mãe pôde muitas vezes ser pouco abundante e muito aquoso, isto é, muito pobre em principios nutritivos; a constituição d'ella pôde ser de tal modo fraca que lhe seja impossivel, sem grave risco para a sua saude e vida, o amamentar seu filho; e certas doenças, que n'ella realmente existem, ou cuja existencia o medico suspeita, são

outras tantas contraindicações a que ella dê o peito a seu filho. Dando-se estes casos, uma ama é indispensavel, mas a escolha d'ella não offerece muitas facilidades. Um medico amigo e de confiança será quem deva dar a sua opinião a respeito de tão melindrosa e importante questão, porque *«le jugement de la famille, diz Fonssagrives, doit abdiquer prudemment devant le jugement autorisé du médecin...»* A ama deve ser de vinte a trinta annos, porque mais nova é completamente inexperiente dos cuidados que reclama uma creança, e mais velha é menos apta para a amamentação. Deve gosar uma boa saude e deve ter os dentes integros e brancos e um bom halito na bôcca. Os peitos devem ter um volume regular e os bicos devem ser salientes e não gretados. A côr dos cabellos deve ser escura, mas em harmonia com a côr da pelle, porque cabellos negros e pelle fina, branca e quasi transparente são signaes do lymphatismo ou da escrofula. A sua constituição deve ser vigorosa, o temperamento sanguineo e a saude completamente livre de qualquer mancha hereditaria ou pessoal. É o que nos diz Fonssagrives e Donné, ao que nós, para irmos de harmonia com o que temos dito, juntaremos: É preciso que tenha parido recentemente, porque o alimento da creança deve ter a mesma idade que seus órgãos, aliás não se pode prevenir um dos padecimentos os mais graves—a irritação do estomago. Com effeito, a observação mostra que a consistencia do leite augmenta a par e passo do desenvolvimento organico da creança; ora, se se ministrar a uma creança que acaba de nascer o leite d'uma ama que pariu ha mezes, este alimento não está claramente em relação com a fraqueza de seus órgãos, porque, muito rico em prin-

cípios reparadores, será mal tolerado. Por outro lado, se se dêr a uma creança um leite mais novo que ella, o resultado será ir em decadencia a sua nutrição e estacionar o seu desenvolvimento durante algum tempo, como a experiencia o tem mostrado ao dr. Gauneau, em quem confiamos.

A ama, em quanto ama de leite, não deve ter o filho d'ella em sua companhia, porque, como o ser mãe está acima de ser ama, a creança que se lhe entregou será a ultima a mammar e por isso não tem outro remedio senão contentar-se com as sobras que lhe deixou o seu adventicio irmão. Por ultimo, a ama deve ser paciente, acciada, intelligente, laboriosa e d'um character brando; se fôr da aldeia deve alimentar-se durante os primeiros dias com substancias identicas ás que lhe serviam d'alimentação em sua casa; isto é, o habito alimentar deve ser respeitado no principio, porque a passagem brusca de alimentos grosseiros e pouco nutritivos para outros de qualidades exactamente oppostas, traz os seus inconvenientes.

§ XIII

Casos ha, em que a alimentação das creanças não pôde ser regulada pelas resumidas considerações que apresentámos nos paragraphos precedentes; porque pôde dar-se o incidente de não apparecer uma ama em boas condições, quando a mãe não pôde desde o principio amamentar seu filho, ou quando, começando-o a amamentar, é victima d'uma doença que obsta completamente a que

ella continue a desempenhar a sua missão. N'este caso, o remedio é recorrer á alimentação artificial, que, pelo que já dissemos, deve ser feita com o leite de certos animais domesticos. O leite de jumenta, de vacca, de cabra e de ovelha é aquello de que ordinariamente se faz uzo em taes circumstancias, sendo mais frequente o de vacca nas nossas provincias de Douro o Minho e o de cabra ou de cabra e ovelha misturados nas Beiras e Alemtejo. O leite deve ter a mesma idade que a creança ou pelo menos a mais approximadamente possivel; no caso, porém, d'isto se não poder realisar naturalmente devem-se-lhe dar artificialmente propriedades tão semelhantes quanto possivel ás que elle apresentaria, se tivesse o mesmo tempo. Para este fim podemos servir-nos da agua da fonte, com que o traçaremos de modo conveniente. Assim durante o primeiro mez, dar-se-ha diariamente á creança um volume d'alimento igual a tres partes de leite e uma d'agua, durante o segundo mez diminue-se metade da agua e assim successivamente até ao sexto mez, om que a creança já póde tomar leite puro. Na administração do alimento póde servir-se a mãe ou ama-secca da colher de chá durante o dia e da mamadeira durante a noite, devendo ter o cuidado em que esta esteja sempre o mais limpa possivel. Uma pequena porção d'assucar branco dissolvido no leite assim preparado dá-lhe um sabôr agradável e não offerece inconvenientes.

§ XIV

Destinamos este parographo á desmamação, desquitaação, apartamento ou vedação das creanças, termos todos usados conforme as localidades e que significam a separação das creanças de peito da mãe ou da ama para serem alimentadas com outras substancias além do leite d'ellas. Dois pontos temos a examinar n'este lugar: a idade em que se deve começar a preparar a creança para a desmamação e como esta deve ser feita.

Um signal certo e bem visivel da epocha, em que a desmamação deve começar consiste na apparição dos primeiros dentes; outro não menos significativo, mas não tam conhecido, é indicado pelas modificações que experimentam alguns órgãos da cavidade buccal e alguns dos seus accessorios. Estas consistem no desenvolvimento das glândulas salivares, que segregam maior quantidade de saliva e no desenvolvimento dos folliculos mucipares da mucosa da bôcca, os quaes segregam um fluido destinado a favorecer a deglutição e digestão d'alimentos mais compactos que o leite. Ora, coincidindo o desenvolvimento d'estes órgãos com a apparição dos primeiros dentes, está claro que é natural que a creança precisa d'alimentar-se d'alli em diante d'um modo um pouco differente que até alli. É aos 13 ou 14 mezes que isto, ordinariamente, tem lugar; é, pois, n'esta epocha que se deve começar a desmamação e dizemos começar e não fazer, porque um tal serviço deve fazer-se lonta e gradualmente e não d'uma só vez. Alem do leite da mãe ou da ama, cujo peito de-

ve ser dado mais raras vezes durante o dia, começa-se por dar á creança uma porção de leite de vacca ou de cabra, em que se esfarelle uma pequena quantidade de miôlo de pão trigo ou de batata cosida e ralada. Este regimen deve ser continuado até que a creança dê signaos de que outros dentes lhe começam a apparecer, porque então toda a alimentação artificial deve ser posta de lado para vigorar só a amamentação. Sahidos que sejam estes novos dentes dos alveolos, retoma-se a alimentação artificial, que será um pouco mais frequente e compacta que no primeiro periodo, dando-se por conseguinte á creança o peito menos vezes durante o dia. Como a creança se alimenta um pouco mais abundantemente, ser-lhe-ha dado tambem menos vezes o peito durante a noite. Assim se irá operando a desmamação, tendo-se o cuidado de não nutrir a creança com alimentos sólidos durante a sahida dos dentes. Procedendo-se assim, bem depressa chega a idade dos 20 ou 24 mozes, em que a primeira dentição ou dentição de leite está concluida e em que a creança passa desapercibidamente, sem se incommodar, sem o leite da mãe ou da ama. O regimen alimentar de que a creança deve fazer uso d'esta idade em diante, está fóra do plano do nosso insignificante trabalho.

§ XV

Promettemos escrever algumas palavras relativas á influencia que o ar, o calôr e a luz exercem sobre a saude e a vida das creanças; é n'este lugar que vamos cum-

prir a nossa promessa. O ar é um dos corpos essenciaes á vida; sem ellè não se pode conceber a existencia dos corpos organisados vegetaes e animaes. As experiencias physicas applicadas á physiologia dão plena demonstração do que dizemos. D'aqui resulta, pois, que a viciação do ar atmospherico destinado á respiração das creanças deve trazer inconvenientes de gravidade variavel para a sua saude e vida. O que a physiologia affirma a este respeito é confirmado pela observação. Com effeito, mostramos a physiologia que a respiração, função inherente á vida, consiste, essencialmente, na oxydação dos globulos rubros do sangue pelo oxygenio do ar atmospherico e na expulsão d'acido carbonico e vapor d'agua formados por parte do oxygenio inspirado e pelo carboneo e hydrogenio dos tecidos. Se o elemento comburente—o oxygenio—chega a diminuir a ponto de não ser sufficiente para se operarem as oxydações normaes, as hematias vão morrendo asphyxiadas e a nutrição acha-se consideravelmente diminuida; o desenvolvimento organico deve, pois, necessariamente ser viciado. Observemos agora as creanças que vivem e bem mal! nos bairros populosos, onde as viellas são muito estreitas e as casas muito elevadas e que habitam lojas humidas, virgens da illuminação solar, nas quaes moram quatro ou cinco vezes mais d'individuos do que deviam morar e notaremos que ellas são magras, mal constituidas e em cuja physionomia se lê a tristeza e o soffrimentó. Observemos, por outro lado, as creanças que vivem no campo e vel-as-hemos nutridas, fortes, alegres e activas. Porque será isto? Porque os primeiros, embora se alimentem mais substancialmente, respiram um ar viciado e os segundos tem ar puro e abun-

dante que introduzem á vontade em seus pulmões. É pois essencialmente importante que a creança respire e que o ar que a cerca seja puro, isto é, frequentemente renovado. Eis o motivo porque dissêmos no § IX que se não devia agasalhar as creanças a ponto de serem abafadas.

Como consequencia da abundancia d'ar puro e d'uma livre respiração vem a producção de calôr, porque, sendo as oxydações verdadeiras combustões, aquelle necessariamente deve ser produzido pelo facto da respiração; portanto, da benefica influencia que o ar atmospherico exerce sobre a economia da creança, deduz-se claramente a utilidade que sobre o seu desenvolvimento exerce a producção de calôr animal. Finalmente, se a vida é impossivel sem ar, ella será incompleta sem luz. Se plantarmos um vegetal n'um lugar obscuro, a vegetação existirá, é verdade, mas a planta será delgada, esguia e pouco consistente, como quo herbacea; as folhas serão pallidas e como que murchas e se ella é de casta de dar flores, estas perderão o cheiro e a côr. Se as creanças viverem nas mesmas condições, ellas serão egualmente fracas, magras e terão tendencia para o rachitismo e escrofulismo. Os povos que vivem n'estas condições, como os que habitam os valles sombrios da Suissa, apresentam todos d'um modo notavel estes caracteres. O ar, o calor e a luz exercem, portanto, sobre as creanças uma benefica acção; devem, pois, ser-lhes ministrados, abundantemente, estes modificadores.

SEGUNDA PARTE

Educação moral das creanças

Pères et mères, n'oubliez jamais que c'est la bonne éducation qui seule peut conduire à la vertu, qui seule est capable de procurer la bonheur. Les autres biens ont toute la fragilité de la nature humaine et méritent peu d'être recherchés. L'éducation seule est divine, seule elle est immortelle. (Dr. Seraine—De la Santé des petits Enfants, pages 114).

A educação moral, thesouro incomparavel, é o melhor dote que o filho póde receber dos paes. É ella que regula as acções do homem, que o ensina a distinguir o verdadeiro do falso, a verdade do erro, é ella que o torna sociavel—verdadeiro fim do sêr humano e é ainda ella que o nobilita—que o santifica—na prática da virtude. O que é um homem sem uma bôa e sólida educação moral? Um barco sem leme, que segue a direcção que o capricho dos ventos e das ondas lhe imprime, um machinismo vivo que não prevê o resultado final do seu trabalho, por isso que a sua actividade não é regulada pelos principios

da sciencia e da moral, um individuo alheio ao sentimento do bello, do bom e do justo, um ente, finalmente, que se torna digno da commiseração d'aquelles que o sabem definir. De que valem os haveres materiaes, por bem collossaes que se possam imaginar, quando são possuidos por um ou outro d'estes desgraçados? A sua applicação, quando existe, é sempre erronea e são, portanto, meios para a satisfação de fins illicitos, degradantes ou pouco proveitosos. Falta a bussola que deve dirigir a applicação dos capitaes e um sentimento innato e aperfeiçoado pela educação que confirme essa applicação, queremos dizer, faltar a intelligencia esclarecida e a consciencia bem formada.

A nobreza de character só se adquire com a pratica das boas acções e estas só podem conscientemente ser praticadas, quando são suggeridas por um bom pensar e comprehendidas pela sublimidade d'um bom raciocinio. É n'isto que consiste a verdadeira nobreza, a verdadeira fidalguia e respeitabilidade; porque os homens ao nascer são todos eguaes e só as acções, verdadeiro signal objectivo da educação recebida, os differenceiam. Só a educação moral é bella e sublime, porque só d'ella dimana a virtude e a vordade, attributos sublimes da divindade.

A creança nasce e é, desde esse momento, o mais difficil sem duvida durante a vida, que deve começar a sua educação moral. Todas as impressões recebidas e sensações experimentadas pela creança, dão como resultado, uma serie de gritos que só desaparecem com a ausencia da causa que lhes dá lugar; assim é que a creança grita no acto do nascimento por causa da impressão do ar, grita porque está suja, grita porque tem fome, grita porque a molestam, grita e grita sempre quer esteja sob a

acção d'uma impressão desagradavel quer na ausencia d'uma impressão que a consola. Com effeito, se a sensação experimentada por ella é desagradavel, a creança gritará até que a sensação deixe de ser produzida e só cessará seus gritos, quando a causa que os produzia, tiver desaparecido: não continua a gritar, porque n'aquella epocha ainda não tem consciencia do que sente; se, porém, a sensação a consola, se é agradável, ella gritará, logo que deixe de a experimentar e só se calará quando de novo fôr produzida. Eis o motivo porque a creança, no momento em que nasce, sahindo d'um meio de 36.º para outro mais baixo, chora por causa da impressão desagradavel do frio e só se calará, quando fôr devida e convenientemente agasalhada; do mesmo modo ella chorará, quando deixarem de a embalar e egualmente cessará seus gritos, logo que o berço recomece a ser movido. O dever dos paes, para não ouvirem os gritos de seus filhos, consiste, pois, no estudo da natureza das sensações que elles experimentam.

Já houve mais que um philosopho a recommendar que se devia consentir em que as creanças chorassem á vontade, para que se não habituassem a ser caprichosas e exigentes. É esta uma recommendação tyranna que, por consequente, deve completamente ser evitada; porque o capricho e a exigencia presuppõem a formação d'ideias e o raciocinio, o que não podemos admittir na creança. Com effeito, diz-nos a physiologia que um orgão só pode bem funcionar, quando o seu desenvolvimento é completo; ora o cerebro, no acto do nascimento, não está n'estas condições, porque é molle e não tem consistencia nem fórma ainda bem clara; logo a ideação, que, como sabe-

mos, necessita d'um trabalho cerebral, não póde existir: os caprichos não existem, pois, na creança recém-nascida e o deixal-a chorar á vontade é uma barbaridade. Inda mais; sabemos que as funcções dos órgãos dos sentidos são o complemento das funcções cerebraes, porque estes tem a seu cargo o transmittir ao cerebro as impressões do mundo exterior, as quaes são por elle transformadas em sensações; ora, estando os órgãos dos sentidos n'um verdadeiro estado rudimentar na epocha do nascimento, as suas funcções devem necessariamente ser muito circumscriptas e limitadas, isto é, tambem rudimentares; logo as sensações que experimenta a creança devem ser confusas; mas como as ideias são uma elaboração das sensações, segue-se que ella não pode formar ideias nem raciocinar. Quando a creança chorar deve, portanto, a mãe ou ama indagar o porquê dos seus gritos e fazel-o desaparecer, para que estes cessem logo.

Os dias da creança vão augmentando e o seu cerebro e órgão dos sentidos vão-se desenvolvendo successivamente; as impressões vão-se multiplicando pouco a pouco e as sensações tornam-se cada vez menos confusas, porque o eu as vê com mais clareza. É então que a creança começa a sorrir-se e a ouvir a voz da mãe, a qual se exforça por imitar, epocha a de maior satisfação para o coração d'uma mãe! Chegou o tempo, em que é preciso dirigil-a e ensinar-lhe a formar ideias claras e precisas, não por palavras, que ella não comprehende, mas, por factos, sobre tudo pela expressão dos olhos, onde ella observará o pensamento da mãe. Se o que ella quer é possível e justo, deve immediatamente ser-lhe concedido, se é impossivel e injusto deve formalmente ser-lhe recusa-

do; as lagrimas, n'esta epocha, não devem subjugar a vontade da mãe que deve ser invencível, porque d'outro modo é habitual-a a ser importuna. Se a creança pede uma cousa impossível que, pelo facto de a não possuir, a obriga a chorar, a mãe não deve fazer caso d'estes choros, porque se, para a vêr calada, lhe promette um qualquer objecto de brinquedo, ella para outra vez pedirá o impossível e chorará, porque a ensinaram a obrar assim para fazer aquisição de qualquer objecto de recreio. Se a creança praticar alguma acção agradável ou desagradável, em virtude da qual mereça recompensa ou punição, estas devem ser executadas immediatamente após a promessa, porque n'estas edades as sensações passam depressa, e se o galardão ou castigo se demorarem, ella esquece-se do motivo porque foi premiada ou punida. O premio ou castigo n'este caso de nada valeram. Se a creança chora e a mãe tem a certeza de que nada lhe falta ou a incommoda, é muito conveniente deixal-a chorar e não lhe prometter nada para que se cale; porque, embora as primeiras ideias sejam de mui pouca duração, terminam por se gravar no cerebro, quando são muitas vezes renovadas e exercem, portanto, uma grande influencia sobre o pensar da creança durante, pelo menos, os primeiros annos. D'aqui se infere que se não deve metter medo ás creanças, para que se não tornem medrosas, porque se se não fizer nascer n'ellas a ideia de receio ellas nunca o conhecerão. Se a creança cáe no chão ou no soalho, a mãe não deve fazer caso d'este acontecimento; porque, se ella se magoou levemente não tardará a levantar-se e a continuar no seu divertimento; se, porém, a mãe tem a fraqueza de a ir levantar e de a lastimar, então ella cho-

rará cada vez mais para se tornar maior credora dos affagos, caricias e promessas da mãe. Esta verdade observa-se a cada passo; quando uma creança cáe, ella olha logo em volta de si a vêr se alguém observou a sua queda; se não vê ninguém, levanta-se e não chora; se, porém, observa algum individuo começa a chorar, como que para attrahir sôbre si a compaixão do observador. O lastimal-a e acaricial-a, quando isto se dá, é ensinar-lhe a conhecer o mêdo de cahir ou de se ferir, e portanto, a tornal-a pusillanime. Se a creança pratica o bem, a mãe deve dar ao rosto uma expressão tal, que ella alli possa vêr bem claramente o contentamento e a alegria que sua mãe está possuindo; se pratica o mal, é preciso reprehendel-a, usando d'uma expressão opposta e não deve beijal-a, para d'este modo a ir pouco a pouco ensinando a discernir o bem do mal. Finalmente, a mãe deve dirigir a intelligencia de seu pequeno filho á medida que ella se vae desenvolvendo, não por palavras, ameaças ou castigos corporaes, mas por bons exemplos, que são uma linguagem que ella comprehenderá e imitará. Se assim não proceder, o seu filho será mal educado e insolente, d'onde resultam desgostos para os paes e nôjo para aquelles que convivem com elles. Uma planta que mais tarde ha-de apresentar bonitas flôres e fructos sazoados e de gosto agradável, necessita logo-após o seu nascimento do arboricultor que lhe vá modando o terreno por ella occupado; se assim não fosse não seriam os seus fructos tão volumosos e de sabôr tão agradável. O mesmo acontece ao homem: se receber desde a infancia uma boa educação, as suas acções serão sempre boas, se fôr má ou nenhuma, será um desgraçado que pouco se differenciará dos animaes.

PROPOSIÇÕES

Anatomia—A cellula é o ponto da partida de todo o organismo.

Physiologia—A cellula é o ultimo elemento activo do corpo vivo.

Pathologia geral—A causa mais frequente de doencas e de morte nas creanças reside na alimentação que em geral e impropriamente se lhes ministra.

Materia medica—O abuso do tabaco de fumo digenera physica e moralmente o individuo.

Pathologia externa—O cancro mixto é uma chimera.

Pathologia interna—No tratamento das febres telluricas preferimos o bromhydrato de quinina ou sulfato da mesma base.

Medicina operatoria—A acção do ar é um cruel inimigo da cicatrisação das feridas.

Anatomia pathologica—Sem os conhecimentos anatomico-pathologicos a extracção dos carcinomas seria sempre improficua.

Obstetricia—Regeitamos a versão por manobras externas.

Hygiene—As boas condições climatericas e productivas da Beira-Baixa dependem d'uma profusa arboricultura.

Approvada.

MONTEIRO

Póde imprimir-se.
O conselheiro-director,
COSTA LEITE

ERROS MAIS IMPORTANTES

PAGINAS	LINHAS	ERROS	EMMENDAS
30	30	a extre	a extremidade
31	12	entanca	cutanea
40	4	habilitação	habitação
48	12	que creança	que a creança
76	19	orgão	orgãos
78	20	ella	elle
78	26	modando	mondando

Proposições

	ONDE SE LÊ	LÊA-SE
<i>Anatomia</i>	da partida	de partida
<i>Materia medica</i>	digenera	degenera
<i>Pathologia interna</i>	ou sulfato	ao sulfato